

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
DEPARTAMENTO DE ARTES
PRODUÇÃO CULTURAL

JÚLIO LEONARDO GODOY

**“APROPRIAÇÃO CULTURAL” NA INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES DO
MOVIMENTO ESCOTEIRO:**

**NARRATIVAS COLONIAIS NATURALIZADAS NA APRESENTAÇÃO DE SEUS
PROCESSOS DE INVENÇÃO E DIFUSÃO**

NITERÓI
2020

JÚLIO LEONARDO GODOY

**“APROPRIAÇÃO CULTURAL” NA INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES DO
ESCOTISMO COMO FORMA DE DOMINAÇÃO:**

NARRATIVAS COLONIAIS NATURALIZADAS NA APRESENTAÇÃO DE SEUS
PROCESSOS DE INVENÇÃO E DIFUSÃO

Monografia apresentada ao curso de graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

Campos de confluência: Cultura e Dominação

Orientador:

Prof. Dr. Mário Ferreira de Pragmácio Telles

Niterói, RJ
2020



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO
CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Aos vinte e sete dias do mês de Agosto de 2020, às dez horas, realizou-se de forma remota (online), excepcionalmente, em conformidade com a Decisão Nº. 100/2020 de 21/05/2020, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense, a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado “**“APROPRIAÇÃO CULTURAL” NA INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES DO MOVIMENTO ESCOTEIRO: NARRATIVAS COLONIAIS NATURALIZADAS NA APRESENTAÇÃO DE SEUS PROCESSOS DE INVENÇÃO E DIFUSÃO**”, apresentado por **Júlio Leonardo Godoy De Oliveira Valle**, matrícula 115033039, sob orientação do(a) Prof(a). Dr. Mário Ferreira de Pragmácio Telles.

A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): Dr. Mário Ferreira de Pragmácio Telles

2º Membro: Ma. Paolla de Santa Anna Moura

3º Membro: Me. Thiago Grisolia Fernandes

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição:

10

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

MARIO FERREIRA DE
PRAGMACIO TELLES
Assinado de forma digital por
MARIO FERREIRA DE PRAGMACIO
TELLES
Dados: 2020.08.27 21:28:29 -03'00'
Presidente da Banca

JÚLIO LEONARDO GODOY

**“APROPRIAÇÃO CULTURAL” NA INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES DO
ESCOTISMO COMO FORMA DE DOMINAÇÃO:**

NARRATIVAS COLONIAIS NATURALIZADAS NA APRESENTAÇÃO DE SEUS
PROCESSOS DE INVENÇÃO E DIFUSÃO

Monografia apresentada ao curso de graduação em Produção
Cultural da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel.

Campos de confluência: Cultura e Dominação

Aprovada em 27 de Agosto de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Mário Ferreira de Pragmácio Telles – UFF

Orientador

Ma. Paolla de Santa Anna Moura

M. Thiago Grisolia Fernandes

Dedico esse trabalho a tode jovem escoteire, prete, mestiçe,
latino-american e de onde quer que venham e todes que
vivem vidas tentando se encaixar em padrões impossíveis.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que me apoiaram durante minha trajetória até o Júlio do presente e ajudaram a tecer os significados da minha vida até então. Obrigado a todas as amigadas incríveis que me acompanharam, sejam as que foram, as que voltam, as que ficam e as que passam deixando sua marca. Cada um e cada qual sabe o lugar que ocupa no meu coração e na minha vida. Destaco com o merecido carinho minha amiga Damylla Gomes, nunca vou esquecer toda parceria, apoio, ajuda, e orientação nos meus processos, você foi essencial pra construção desse trabalho. Obrigado as Mestras Marina Bay Frydberg, Viviane Laprovita, Ana Lucia Enne, Neide Marinho, também os Mestres Wallace de Deus, Luiz Mendonça, João Domingues, Marildo Nercolini e muitos outros e outras por me ensinarem muito, sobretudo afeto. Obrigado à minha querida banca Thiago Grisolia, Paolla Moura, e meu orientador Mário Pragmácio por aceitaram participar mesmo dentro das condições impostas que vivemos em 2020, vocês foram maravilhosos. Por fim agradeço muito a toda minha família, meus irmãos, principalmente a minha mãe Fátima Godoy, minha tia Helenita Godoy, e tia Conceição Ventura, por todo apoio, suporte, amor e cuidado, por me ensinarem muito sobre a vida e o significado de família.

RESUMO:

Este trabalho se propõe a emergir discussões atuais acerca da Apropriação Cultural, contando com o Movimento Escoteiro como objeto de estudo. Percebendo que o Escotismo faz uso de diversos costumes originados de culturas africanas, e considerando que, muitas das primeiras tradições implementadas nele por Baden-Powell, foram aprendidas por ele durante o contato com povos africanos. Farei como estudo de caso a apropriação e reprodução desses costumes instituídos em tradições pelo Movimento Escoteiro na sua fundação e até os dias de hoje como forma de dominação. A metodologia utilizada para a realização deste irá se basear em análises de textos conceituais de contextualização, revisão bibliográfica do Escotismo, etnografia através da observação participante e escrituragem.

Palavras chave: Escotismo; Tradições Inventadas; Apropriação Cultural.

ABSTRACT:

This work aims to emerge current discussions about Cultural Appropriation, with the Scout Movement as the object of study. Realizing that Scouting makes use of various customs originating from African cultures, and considering that many of the first traditions implemented in him by Baden-Powell, were learned by him during contact with African peoples. I will make as a case study the appropriation and reproduction of these customs instituted in traditions by the Scout Movement at its foundation and even today as a form of domination. The methodology used to carry out this will be based on analysis of conceptual texts of contextualization, bibliographical review of Scouting, ethnography through participant observation and *escrevivência*.

Keywords: Scouting; Invented Traditions; Cultural Appropriation.

LISTA DE SIGLAS

UEB – União dos Escoteiros do Brasil

BP ou B-P – Robert Baden-Powell, fundador do Movimento Escoteiro

OMME – Organização Mundial do Movimento Escoteiro

GE – Grupo Escoteiro

ONU – Organização das Nações Unidas

EUA – Estados Unidos da América

LISTA DE TERMOS

ESCOTEIROS(AS) – Membros jovens do Movimento Escoteiro

ESCOTISTAS – Membros adultos voluntários no Movimento Escoteiro

ESCOTISMO – Conjunto de práticas escoteiras instituídas no Movimento Escoteiro

MOVIMENTO ESCOTEIRO – Movimento Educacional de jovens fundado por Baden-Powell em 1907

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O MOVIMENTO ESCOTEIRO.....	11
1. O FUNDADOR, PROCESSOS E CONTEXTOS DA FUNDAÇÃO DO ESCOTISMO	14
1.1 Era Vitoriana e influência no escotismo	19
1.2 O escotismo no Brasil e relações com militarismo.....	25
2. INVENÇÃO DE TRADIÇÕES X APROPRIAÇÃO CULTURAL.....	31
2.1 Invenção das tradições no escotismo e observações sobre processos de apropriação cultural no contexto da fundação do escotismo	37
2.2 O escotismo como ordem discursiva, um movimento de dominação.....	47
3. CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS: O ESCOTISMO HOJE E RESISTÊNCIAS AO MÉTODO	57
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
4.1 BIBLIOGRAFIA TEÓRICA:.....	64
4.2 Bibliografia Escoteira:	65

INTRODUÇÃO: O Movimento Escoteiro

Me proponho aqui a analisar processos de “apropriação cultural” na “invenção das tradições” do Escotismo como parte do projeto político de dominação social da Inglaterra Imperial Vitoriana conservadora.

Observando que o Movimento faz uso de diversas tradições originadas de povos africanos, faço como estudo de caso a apropriação e reprodução dessas tradições por meio do fundador do Escotismo e do próprio movimento até os dias de hoje, e como esse processo de apropriação está relacionado a um projeto socio-político-cultural de dominação.

É comum aos primeiros olhares direcionados ao Movimento Escoteiro descobrir um universo repleto de tradições, místicas e cerimônias inventadas e preservadas ao longo do tempo. Nota-se que vem sofrendo suaves mudanças ao passar das gerações, e certamente com variações de acordo com território. Como trata-se de uma “fraternidade” mundial que já dura a mais de cem anos, claro que, muitas das tradições mantidas tiveram suas origens nas mais diversas partes do mundo.

Um dos principais aspectos da vida de Baden-Powell retratados em quase todas as leituras de referência era sua forte ligação com o continente africano e sua cultura, até por que sabe-se que foi lá que surgiram algumas das primeiras ideias que direcionaram BP a ser o rosto de um movimento como o Escotismo. Foi lá onde viveu os anos de maior destaque da sua carreira militar, e onde passou os últimos dias de sua vida.

Ocorre que, assumidamente, muitas das primeiras tradições, métodos e conhecimentos implementados ao escotismo por BP, foram aprendidas por ele durante o contato com povos africanos e indianos durante o que chama de suas “expedições” ou “campanhas” militares, iniciando aí o foco da problematização.

Trago para análise dois dos exemplos mais claros do que podemos entender como apropriações: O uso da “*A Insignia da Madeira*” e o “*Aperto de mão escoteiro*”. Talvez possa se dizer que é o aperto de mão escoteiro é um dos mais explícitos, pois trata-se de um cumprimento institucionalizado e oficializado em todo o mundo e um dos principais meios de distinção dos demais “não escoteiros” utilizados.

O Escotismo foi oficialmente criado em 1907, na Inglaterra, a partir das experiências vividas por Baden-Powell, fundador do Movimento Escoteiro, e popularmente conhecido até hoje pelos escoteiros como BP, defendendo os interesses do exército inglês no continente africano e de suas perspectivas sobre a nação inglesa de seu tempo, principalmente em relação a ocupação dos jovens rapazes das classes populares.

Durante essas “missões”, BP teria tido contato com diversos povos observando-os e se apropriando de aspectos culturais, técnicas e saberes intelectuais que implementou no movimento escoteiro e são reproduzidas até hoje.

Uma das leituras norteadoras dessa pesquisa é a “*Invenção das Tradições*” de HOBBSAWN e RANGER (1997), a partir da leitura, reflito aqui sobre como “tradições” são inventadas por alguém em algum momento da história. Algumas tem funções e origens bem definidas que podem ser passadas e reproduzidas por muitas gerações de um determinado grupo mantendo um mesmo significado coletivo. No entanto, por vezes tradições são inventadas e inseridas no meio social, quando não são apropriadas apenas como forma de diferenciação, demarcação cultural e distinção social. Para exemplificar parto do seguinte conceito de “*tradição inventada*”.

Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBBSAWN, 1997, P.9.)

Atualmente, talvez no mundo todo, mas posso falar especificamente do Brasil, as discussões em torno do uso do termo “apropriação cultural” são, às vezes, literalmente, gritantes. Discute-se muito sobre usar ou não turbante, comer ou não sushi, e fazer ou não fazer uma porção de coisas. Entendo que muitos nos primeiros contatos com o termo, como foi comigo, entendem que a problematização principal na questão da apropriação gira em torno do uso de itens, popularmente pensando em reproduções de propriedade cultural material, por grupos ou representações de grupos não originários ou “originantes” de determinada cultura. Mas, na verdade, não acredito que seja apenas sobre isso, mas também sobre roubo de propriedade intelectual, tradicional, identitária, modos de fazer e de agir, e destaco que pensar o contexto da relação entre os agentes envolvidos, social, político e cultural, essencial pra iniciar qualquer discussão sobre apropriação.

JARDIM (2017), enquanto educadora e pesquisadora de dinâmicas raciais, afirma que, toda vez que emerge, essa discussão é abordada pelo viés do “purismo cultural”, na qual apenas os inventores ou grupo inventor de um determinado elemento teriam autorização de utilizá-lo e reproduzi-lo. Quando, na verdade, o que está em jogo, segundo ela, é a forma como se dá a interação entre grupos historicamente marginalizados e seus antagonistas – relação que seria

marcada por “preconceito, exclusão, etnocentrismo, poder e capitalismo”. “Vemos a diferença sistêmica entre os que usam esses elementos como adorno e os que usam por princípio, religião ou resgate de uma identidade”, diz a autora. “Quando falam em cultura, os negros se referem muito mais a resistência e racismo do que à origem dos elementos, propriamente”.

Viso questionar as apropriações culturais pelo Escotismo, mas como coloca a autora, a discussão ultrapassa os purismos do uso ou reprodução de tradições, mas o que deve sempre ser destacado para reflexão e observação cuidadosa é o real contexto da relação entre os grupos observados, apropriador X apropriado, e como se dá essa reprodução, quem reproduz e porque reproduz.

Como dito, o que está em jogo é a forma como se dá a interação entre grupos historicamente marginalizados e seus antagonistas. Em termos rasos, talvez não possa ser necessariamente contra a reprodução de tradições por outros povos, e sim contra o esvaziamento do significado de símbolos identitários, e, nesse caso, é preciso reprovar e desnaturalizar a forma com que foi e ainda é feita no Escotismo. Sem registros oficiais ou referências legitimadas das origens dessas tradições, e principalmente, em contexto de expansão e consolidação colonial da Inglaterra imperial na África, onde por interesses capitalistas impostos de forma violenta, os que originaram e inspiraram essas tradições e saberes ressignificados, como Zulus e Ashantís, citados por BP na literatura Escoteira, foram, muitos deles, dizimados, quando para eles, nesse contexto, além de tradições eram uma forma de resistência e resiliência de seus povos e corpos, e possuíam outro papel e representação pra aquelas culturas.

Diante da globalização do Escotismo, recentemente no Brasil, a UEB bateu recordes históricos de quantitativo de jovens. Ao longo do tempo, possivelmente resultando da contribuição da diversidade de origens dos membros atuais, observo cada vez a abordagem de temas como igualdade, educação, paz e até mesmo igualdade de gênero e intolerância religiosa surgirem em algumas atividades, claro, em Grupos não tão conservadores ou “tradicionalistas”. Ainda assim, como todas as instituições, ainda teria muito que evoluir pra fazer sentido numa sociedade ideal.

Talvez possa existir um Escotismo possível que faça sentido numa perspectiva descolonizada, genuinamente inclusiva, anti-conservadora, anti-capitalista, sem doutrinação ou tentativas de dominação e imposição de modos de vida, com tradições coerentes a essência de paz que se propõe e atenda demandas sociais concretas de todos os povos. Mas, além de facilmente me soar como “utopia”, assim como o primeiro passo para o privilegiado é reconhecer seus privilégios, talvez o primeiro passo do Movimento Escoteiro como instituição seja o reconhecimento de um passado assombroso, a autocrítica, a reflexão, a busca do

entendimento de qual a real função pro mundo da existência de um movimento de jovens, aos interesses de quem isso atende e aos interesses de quem precisa atender.

Meu objetivo é contribuir na reflexão sobre a apropriação cultural, alertando que o Movimento Escoteiro enquanto instituição aborde mais profundamente o tema e possa ser dado o devido valor e crédito a quem historicamente tem direito, e que não sejam mais invisibilizadas as histórias e origens ancestrais da negritude. Além de uma tentativa de reivindicar a narrativa de um discurso branco, eurocêntrico e colonizador da história, através da problematização e questionamento à naturalização e encobrimento de aspectos questionáveis observados em processos da invenção e difusão do Escotismo até os dias atuais, levantando discussões acerca do tema da Apropriação Cultural, contando com a instituição Escoteira como objeto de estudo.

1. O Fundador, processos e contextos da fundação do Escotismo

Robert Stephenson Smyth Baden-Powell (1857-1941), esse seria seu nome completo, com 6 irmãos, BP teve acesso ao que poderia se chamar de “infância ao ar livre”. Seu pai faleceu quando tinha aproximadamente 3 anos, deixando sua mãe com sete filhos ainda muito jovens.

Seu pai era o Reverendo H. G. Baden-Powell, professor em Oxford. Sua mãe era filha do Almirante inglês W. T. Smyth. Seu bisavô, Joseph Brewer Smyth, tinha ido como colonizador para New Jersey (América do Norte) mas, voltou para a Inglaterra e naufragou na viagem de regresso.

Baden-Powell era, pois descendente, por um lado, de um Ministro Evangélico, e por outro lado, de um colonizador aventureiro do Novo Mundo. (Escotismo para rapazes. Reedição UEB, 2006)

Esse trecho é de uma reedição de 2006, publicada pela União dos Escoteiros do Brasil, da versão original do livro “Escotismo para rapazes”. Esses curtos dois parágrafos introdutórios apresentando Baden-Powell, hoje, me fazem refletir sobre três pontos interligados que destaco. O primeiro, é pensar que em 2006, no Brasil, essa instituição “tão legitimada” ainda naturalizava de forma tão costumeira, até mesmo enaltecadora, a realidade da descendência de BP. O segundo, é entender a carga de valores e as referências familiares que carregava o fundador do Escotismo. O terceiro, é observar o esforço no texto de construção de uma imagem de colonizador “aventureiro”, explorador de novos espaços, aos quais a “civilização” ainda não teria atingido.

As narrativas apresentadas no Escotismo demarcam a ausência de seu pai na infância, mas apontam que isso não teria sido uma interferência no seu desenvolvimento e sua educação.

Na escola, não teria demonstrado muito interesse nos estudos, mas desenvolveu suas habilidades como goleiro, ator, músico e desenhista.

Ingressou cedo no exército logo ao terminar os estudos, com 19 anos já partiu na sua primeira missão, na Índia, Guerra da Criméia, que daria início a sua carreira militar de renome. Aos 26 anos já obtinha o título de capitão. Participou da campanha contra Zulus na África, ascendeu a major, dirigiu uma expedição contra os Matabele em Rodésia, e mais tarde participou também da campanha contra os Ashantís. Foi declarado herói na guerra dos Boers, defendendo a colônia inglesa em Mafeking na República de Transval.

Em 1887 encontramos B-P. na África participando da campanha contra os Zulus, e mais tarde contra as ferozes tribos dos Ashantís e os selvagens guerreiros Matabeles. Os nativos o temiam tanto que lhe davam o nome de “Impisa”, o “lobo-que-nunca- -dorme”, devido a sua coragem, sua perícia como explorador e sua impressionante habilidade em seguir pistas. (Escotismo para rapazes. Reedição UEB, 2006)

Aqui observo os termos usados pra definir povos africanos, numa perspectiva escancaradamente colonizadora e eurocêntrica, exemplificando a leitura animalésca e violenta que é forçada na narrativa sobre os nativos africanos e sua relação com os colonizadores, onde é condenada a REAÇÃO violenta de DEFESA à exploração compulsória do território, recursos, saberes e corpos africanos pelos colonizadores europeus. Mesmo tratando-se de uma versão “recente” atualizada em 2006, onde nesse trecho se propõe a narrar alguns dos momentos mais importantes da vida de BP.

Quando a noção de selvagem é aplicada a um homem, diz respeito ao comportamento brutal e à falta de civilidade. A nível científico, a ideia de selvagem era utilizada antigamente na antropologia com referência aos povos que viviam de forma diferente da civilização europeia: porém, com o tempo, o conceito desmanchou-se pelo seu carácter discriminatório. (Dicionário online Conceito.de, 2016)

Além disso, noto também a narrativa que se constrói em torno de um suposto temor à figura de Baden-Powell por parte dos nativos, deixando “vazar” sua figura antagonista em relação a estes povos. E me faz questionar, inclusive, ao refletir sobre o processo de invenção de tradições, segundo HOBBSAWN e RANGER(1997), e o uso do discurso em processos de disputa, segundo FOUCAULT(1999), aos interesses de quem atendia apelidar BP com termos enaltecendores de suas habilidades e legitimar sua figura de destaque, se não à dos próprios

Inglêses, colonizadores e colonos? Será que foi realmente esse o contexto da atribuição desses termos?

Tudo começa com a publicação do livro *“Aids To Scouting”*, 1894, por BP, enquanto estava na África consolidando. O livro com nome em português *“Ajudas à Exploração Militar”*, foi explicitamente escrito para militares, com o objetivo de ensinar técnicas de sobrevivência, rastreamento, vivência no campo e exploração. Com a popularidade de BP em alta na Inglaterra como herói militar por seus feitos na defesa e consolidação das colônias inglesas, seu livro conseqüentemente atingiu a popularidade em seu país antes mesmo de voltar. Essa popularidade teria sido principalmente entre jovens rapazes curiosos pelos ensinamentos que ali tinham, e instigados pela ideia de colonos, militares, missionários, pioneiros, aventureiros e exploradores construída naquela época. Retornar ao seu país, e descobrir a popularidade que seu livro tinha tido entre os jovens, sendo usado inclusive em muitas escolas e clubes masculinos, teria sido o estopim pra o que acabou se tornando um Movimento.

Para testar sua metodologia e didática, em agosto de 1907, BP teria reunido 20 meninos, muitos filhos de colegas militares, alegando que seriam de diferentes classes e escolas, e os dividiu em 4 esquipes, chamadas de patrulhas, durante um acampamento na Ilha de Browsea, no Canal da Mancha, que teria sido oficialmente o primeiro acampamento escoteiro do mundo. Durante 8 dias acampados, BP passou aos jovens ensinamentos sobre sobrevivência, trabalho em equipe, primeiros socorros, vida ao ar livre, técnicas de campo, rastreamento, exploração, entre outras atividades militares fundidas a conhecimentos aprendidos na vivência em terras que chamava de “selvagens” e “não civilizadas”.

BP em 1908 lança em seis fascículos quinzenais, o que foi chamado na época de manual de adestramento, o livro *“Scouting For Boys”*. Com o título em português *“Escotismo Para Rapazes”*, o livro teve sucesso quase instantâneo, não só na Inglaterra, mas por todo o mundo. Diante da fama, BP ocupando o posto de Major General, se afastou da carreira militar para viajar o mundo e disseminar, tal como um missionário, o que seria reconhecido como o maior movimento educacional de jovens do mundo.

“O que o chefe faz seus jovens farão. O chefe é refletido nos jovens” – Robert Baden-Powell. Sempre foi importante que os adultos voluntários, chamados de escotistas, vestissem cem por cento a camisa do escotismo e adotassem seus valores em suas vidas, mesmo não tendo sido escoteiros na juventude, como foi o caso das primeiras gerações de chefes escoteiros e ainda é o de muitos até hoje. O método escoteiro também é aplicado a eles por seus antecessores, permitindo que em qualquer idade é possível se inserir e “progredir no escotismo”.

Rapidamente a “fraternidade” se torna mundial, e em 1909 o movimento criado apenas para homens começa a aceitar também mulheres. Na verdade, foi fundado um novo movimento com atividades diferenciadas, que seria “uma versão feminina do Escotismo”, o Movimento Bandeirante (Girl’s Guide). Com a fundação intitulada também à BP, e com sua irmã Agnes Baden-Powell como primeira representação, o movimento tinha como objetivo a formação de meninas, e pretendia passar os valores que carregavam e entendiam que seriam adequados na educação de jovens mulheres.

As Bandeirantes também se tornaram mundialmente populares, e uma de suas principais difusoras foi Olave Baden-Powell, esposa de BP. Dentro do contexto conservador da Inglaterra ainda no início do Século XX, ditavam qual seria o “papel das mulheres” no Escotismo e na sociedade. Mesmo hoje em que ambos os movimentos aceitam homens e mulheres, as perspectivas e valores continuam apenas binários, e não são abordadas questões de gênero diretamente no método educacional escoteiro.

Refletir sobre as questões de gênero presentes no Escotismo desde a sua fundação renderia tranquilamente escrita e pesquisa para uma monografia inteira. Fiquei inseguro em abordar mais profundamente neste trabalho, pois, além da preocupação em estar abordando questões de gênero partindo do meu lugar de fala, de homem cis. Demandaria um esforço maior também de estudo da literatura fundamental do Movimento Bandeirante, a qual ainda não tive a oportunidade de me fundamentar tão bem, em comparação com o estudo do Movimento Escoteiro. Para maior esclarecimento, a literatura escoteira e bandeirante são bem diferentes originalmente, isto por que, entendiam e queriam reafirmar através dessa distinção, funções e papéis de gênero diferentes para homens e mulheres, e portanto, entendo que as questões de gênero, pra além do binário, também como as questões de sexualidade no Escotismo são diretamente decorrentes de todo o processo de colonização, dominação e doutrinação masculina, patriarcal, branca, cis e etnocêntrica o qual vou refletir sobre.

A estadia de BP na África é uma época crucial para pensarmos sua vida e a existência do Movimento Escoteiro, não só pelas suas “conquistas” militares, mas muitas de suas ideias e inspirações que mais tarde influenciariam o Escotismo teriam tido seu início lá.

Dias depois de uma revolta de negros que massacraram 300 colonos britânicos, o coronel cercou o chefe dos guerreiros chamado Uwini com mais de 350 soldados. Os ingleses prometeram poupar a vida aos guerreiros em troca da rendição. As autoridades civis pediram que ele fosse entregue para ser preso,

porem Baden, recusou e mandou-o executar com o argumento de que ameaçava os britânicos. Em 2009, Robin Clay, neto de Baden-Powell, desculpou-o no Times: “Todos cometemos erros. Na guerra as emoções estão ao rubro. Faz-se o que se pensa estar certo.” (Disponível em: escoteirosrj.org.br, 2019)

BP fundou um movimento mundial que prega a paz, mas nota-se que tem ao seu longo de sua vida um histórico de participação ativa em guerras, massacres, sementeação de medo e impiedade. Tudo fundamentado numa justificativa de se “servir à Pátria” e cegamente atender aos interesses de suas lideranças sem questioná-las.

Dizia ter um forte amor pela África, e essa ideia é fortificada no Escotismo até hoje. Em seus últimos dias se recolheu no Quênia, com sua esposa, num local cercado por florestas e montanhas e lá permaneceu até sua morte, em 1941. Ainda nos primeiros 21 anos do movimento BP foi nomeado “Escoteiro-Chefe-Mundial”, na mesma ocasião recebeu do rei Jorge V o título de barão, sendo nomeado Lord Baden-Powell of Gilwell.

Ao longo de toda sua trajetória, todas as suas “conquistas”, destaques, e tudo pelo que BP era reconhecido e representava era sempre legitimado pela realeza e classes mais altas, seja através de títulos e condecorações, ou de publicidade e enaltecimento de seus discursos e feitos. Isso porque a figura de “heroica” Baden-Powell e o pacote de valores que carregava era compartilhado por essas classes mais altas. Era interesse dessa classe alguém que fosse o “rosto” daquela forma de pensar. Alguém pra usar de imagem e representação do que se queria fixar como “modelo” de modos de fazer, ser e pensar.

O professor Micheal Rosenthal, referido como autor de “The Carecter Factory” no documentário “*Robert Baden-Powell*” de Dai Richards, na série “Secret carecters” produzida pelo canal 4 da TV inglesa em 1995, diz que BP se referia a pretos como preguiçosos, intreináveis, inertes e estúpidos e se referia a judeus como ávidos e egoístas. Ele afirma que essa não era apenas a sua visão, mas de muitos outros de sua classe. Aponta também em entrevista no documentário que, para ele, o ponto não seria condena-lo como racista ou antissemita e sim entender que esse era o pacote de valores do qual ele compartilhava.

Existe, inclusive, um discurso muito forte e fácil de cair que de maneira reativa a críticas voltadas a figuras do passado, contra-argumenta dizendo que não se pode olhar para o passado com olhos do presente. Penso diferente. Me parece essencial olhar para o passado com olhos do presente. Acho necessária a ação de se debruçar pela história com olhar do presente. Acho

urgentes as reflexões sobre o passado. Inadiáveis os questionamentos a quem vem contando histórias multiplamente coletivas de uma perspectiva única. Sem falar na importância da consciência do contexto real dado nas relações e interações entre os sujeitos narrados. De outra forma, o aprendizado se perde e os erros tendem a se repetir em novos cenários e temporalidades.

1.1 Era Vitoriana e influencia no Escotismo

Pensar a Era Vitoriana é essencial para se pensar os contextos da fundação de um movimento como o Escotismo. Segundo artigo da Bacharelada e Licenciada em História, pela PUC-RJ. Especialista em Relações Internacionais, pelo Unilasalle-RJ. Mestre em História da América Latina e União Europeia pela Universidade de Alcalá, Espanha, Juliana Bezerra. O período de ascensão do Império Britânico, na liderança da Rainha Vitória, teve algumas características marcantes. Dentre elas, destaco a consolidação de colônias inglesas na África e na Ásia, a ascensão de ideias supremacistas, o contraste das desigualdades sociais na Inglaterra, Europa e colônias, o conservadorismo e a criação de um “padrão” de “cidadão(ã) de bem” inglês, como o estereótipo do “inglês cortês, cristão, engajado em alguma sociedade filantrópica e controlado emocionalmente. Esta idealização foi o contraponto para se comparar aos colonizados.”

A Era de reinado da Rainha Vitória ocorreu entre 1837 e 1901, e é chamada também de Período Vitoriano. De acordo com BEZERRA(2019), “os críticos observam que a Era Vitoriana representou a consagração do pensamento conservador e hipócrita. Enquanto a burguesia desfilava a última moda pelas ruas de Londres, milhares de operários morriam de tuberculose em casas insalubres”.

Ela vai dizer também que os ingleses defensores daquele período vão chama-lo de “Era da Paz e da Prosperidade”. Essa ideia de paz é construída porque naquela época de expansão europeia compulsória, a Inglaterra sozinha se reconhecia dominadora de um quarto do território mundial. Houve enriquecimento da burguesia, mas ela completa:

Esta prosperidade, contudo, não estava disponível a todos. Houve um grande período de fome na Irlanda nos anos de 1845-1847, que obrigou um terço de sua população a imigrar.

Da mesma forma, as classes trabalhadoras viviam em condições miseráveis e a expectativa de vida era de apenas 37 anos em 1837 passando para 48 anos, em 1901. Apesar de todas as campanhas realizadas contra o trabalho infantil, somente em 1847 foi decidido que crianças e adultos não deveriam trabalhar mais de 10 horas por dia.

Os sindicatos passam a cobrar melhoras nas condições dos trabalhadores. Por isso, se multiplicam as sociedades de beneficência lideradas pelas igrejas e membros da nobreza para remediar a mortalidade infantil, a educação e a falta de higiene. (BEZERRA, 2019.)

Considerando esse como o contexto socio-político-cultural da fundação do Escotismo, hoje me parece ingenuidade não entender Baden-Powell enquanto o “garoto propaganda” de um projeto político imperialista, e o Escotismo enquanto um meio de propagação de valores conservadores compartilhados pela realeza e classes mais altas na Era Vitoriana. É possível questionar nisso, inclusive, o por que no Movimento se incentiva tanto a caridade, a “todos os dias fazer uma boa ação”, ser “bom para animais e plantas”, “limpo de corpo e alma”. Mais como forma de “manutenção”, “massagem” de ego e construção de uma imagem de filantropo(a), e nunca como uma movimentação real pra efetuar concretas mudanças sociais, ambientais ou de saneamento básico. Mais tarde neste trabalho vou refletir sobre essa questão do sindicalismo citada no trecho, e como esses processos vão se desenvolver na África colonial, sendo usados pra distanciar os colonos dos africanos e impedir que os nativos pudessem ser considerados operários.

O argumento de que o orçamento deve estar sempre equilibrado, para não levar à emissão de moeda sem lastro e provocar inflação, foi dominante até o início do século passado, enquanto perdurou o padrão-ouro e a visão da Inglaterra vitoriana ditava as regras sobre a boa disciplina fiscal. A Constituição vitoriana determinava que o orçamento fiscal deveria ser anualmente equilibrado, com as despesas públicas integralmente cobertas pelas receitas tributárias, para evitar que o Estado viesse a “debase de currency”, isto é, reduzir o lastro metálico da moeda.

Essa visão, de que o Estado deveria ser contido, para evitar que viesse a corromper a moeda e asfixiar o setor privado, passou a ser questionada no início do século XX. Os gastos e a dívida pública, sempre e em toda parte, aumentam quando um país entra em guerra. Com as guerras napoleônicas, no início do século XIX, a Inglaterra se viu obrigada a abandonar a conversibilidade da moeda em ouro. O período de inconvertibilidade provocou o primeiro grande debate monetário entre as correntes metalista e fiduciária que estão até hoje por trás de grande parte das controvérsias macroeconômicas.

[...]

Para que o Estado tenha capacidade de investir e de fazer uma política fiscal contracíclica, é imperioso que as suas despesas correntes estejam sujeitas a um limite institucional. Justamente porque a moeda fiduciária não impõe uma restrição financeira ao Estado emissor, uma restrição institucional inteligente faz sentido para evitar gastos irresponsáveis e improdutivos. A “Regra de Ouro”, a exigência de que os gastos correntes sejam cobertos pela receita tributária, é uma limitação institucional, introduzida pelo conservadorismo fiscal vitoriano no início do século XX, perfeitamente compatível com o keynesianismo ilustrado. (RESENDE, 2019.)

RESENDE(2019), enquanto economista, na pretensão de observar a relação e influência do conservadorismo econômico Vitoriano na economia do Brasil, acaba por exemplificar também a reflexão sobre o contexto da construção da ideia de inglês econômico, e ajuda a entender a influência da perspectiva econômica das altas classes Inglesas do final do Século XIX e início do Século XX nos fundamentos e valores do Escotismo, simbolicamente e principalmente representados através do nono artigo da Lei Escoteira. “O Escoteiro é econômico e respeita o bem alheio”. Na sua versão original:

9 – O ESCOTEIRO É ECONÔMICO. Isto é, economiza, sempre que puder, cada centavo que possua, e deposita-o num banco, para que possa se manter com esse dinheiro quando desempregado, evitando assim se tornar uma carga para os outros; ou para que possa ter dinheiro para dar a outros que estejam necessitados. (BADEN-POWELL, 2006)

Quando BEZERRA(2019) fala no surgimento de “sociedades de beneficência lideradas pelas igrejas e membros da nobreza para remediar a mortalidade infantil”, é nessa categoria que enquadro o Escotismo. Diante da “perdição” que se encontrava a juventude das classes populares inglesas que vivia condições precárias, da taxa de mortalidade, do entendimento dos perigos da poluição gerada pela expansão da indústria não-sustentável, da necessidade de renovação constante das forças militares e colonizadoras, e diante da insurgência de questionamentos sobre desigualdades na sociedade. O Escotismo vai vir como uma alternativa pra tapar todos os buracos.

Hoje, a UEB apresenta o Método Escoteiro em 5 pontos ou pilares importantes para observarmos os princípios norteadores: Adesão à Promessa e Lei Escoteira. Enquanto um

código moral a ser seguido dentro e fora do escotismo, no dia a dia, a adoção de um estilo de vida; Aprender fazendo; Vida em equipe. Em pequenos grupos com “alto” grau de autonomia; Atividades progressivas, atraentes e variadas; Desenvolvimento pessoal com orientação individual. Onde se propõe tornar o jovem um “agente de sua própria educação”. Esses princípios são o que a instituição vai usar pra direcionar seus membros a atender os interesses do sistema dominante e justificar sua manutenção.

Entendeu-se como uma demanda daquela época na Europa a criação de instituições que promovessem atividades que direcionassem o desenvolvimento da juventude e moldassem aos interesses das classes dominantes. O Movimento Escoteiro não teria sido o único, sequer o primeiro. Existiam outros movimentos com ideias de fraternidade. BP teria pesquisado alguns deles durante o processo de institucionalização do Escotismo, tendo sido inclusive consultor dos “Boys Brigade”, “Brigada de Rapazes” - outra instituição de adestramento de rapazes - devido a fama por seus métodos após a publicação de “*Aids to Scouting*”, o manual de adestramento para militares escrito a partir de suas experiências nas colônias inglesas.

Pôs-se então a trabalhar, aproveitando e adaptando sua experiência na Índia e na África, entre Zulus e outras tribos selvagens.

Reuniu uma biblioteca especial e estudou nestes livros os métodos usados em todas as épocas para a educação e o adestramento dos rapazes – desde os jovens espartanos, os antigos bretões e os peles-vermelhas, até os nossos dias.

Lenta e cuidadosamente B-P foi desenvolvendo a ideia do Escotismo. (*Escotismo para rapazes*. Reedição UEB, 2006)

Falando em movimentos semelhantes, anos depois da fundação do Escotismo, segundo o documentário de Dai Richards, já citado no capítulo inicial, BP teria publicamente reverenciado a Juventude de Hitler, por entender que seria um movimento de jovens inspirado no que foi fundado por ele, e que compartilhava dos seus mesmos valores.

Tanto a ideia de inglês cortês, quanto de filantropo tinham suas funções de manutenção social. Essas ideias foram reforçadas no ME essencialmente através do terceiro e do quinto artigos da Lei Escoteira.

3 – O DEVER, PARA O ESCOTEIRO, É SER ÚTIL E AJUDAR O PRÓXIMO. E deve cumprir o seu dever antes de qualquer outra coisa, mesmo que, para fazê-lo, tenha que renunciar ao seu próprio prazer, conforto e segurança. Quando estiver em dificuldades para escolher entre duas coisas a

fazer, o Escoteiro deve perguntar a si mesmo: - “Qual é o meu dever?” – isto é – “O que é melhor para o próximo?” – e fazer esta. Deve estar bem preparado, a qualquer momento, para salvar uma vida ou para socorrer pessoas feridas. E deve esforçar-se o mais que puder para fazer diariamente uma boa ação para alguém (BADEN-POWELL, 2006)

5 – O ESCOTEIRO É CORTÊS. Isto é, ele é amável e educado para com todos – mas especialmente para com as mulheres e crianças e para com as pessoas idosas, inválidas, aleijadas, etc. 24 E não deve aceitar nenhuma recompensa por ter sido prestativo ou cortês. (BADEN-POWELL, 2006)

Essa construção de “cortesia” e “utilidade ao próximo” inserida no Escotismo na Lei e Promessa escoteiras vem pra sustentar o sistema desigual estagnado, pra satisfazer os questionamentos de desigualdade com uma ilusão de “caridade”, “bondade” e preocupação com os vulneráveis que não leva a nenhum tipo de mudança social concreta, e sim uma manutenção no sistema já existente, uma automassagem de ego onde a burguesia enriquecida passa a ter necessidade de se sentir bem consigo mesma dando migalhas à quem tinha pouco ou nada tinha enquanto se cercava de excessos. Essas construções são enraizadas até hoje.

BP na literatura escoteira vai reforçar a ideia positiva de colonizador aventureiro, inclusive vai dizer que os colonizadores são também escoteiros.

Os pioneiros e os caçadores de peles da América do Norte, os colonizadores da América do sul, os caçadores da África Central, os exploradores e missionários espalhados pela Ásia e por todas as regiões selvagens do mundo, os sertanistas e boiadeiros da Austrália, as Polícias Montadas do Noroeste Canadense e da África do Sul – todos estes são exploradores dos tempos de paz, verdadeiros homens na completa acepção da palavra, e peritos nas artes e técnicas dos exploradores e dos escoteiros. Os colonos, caçadores e exploradores do mundo inteiro são também Escoteiros. Precisam saber cuidar de si. (BADEN-POWELL, 2006)

Ele vai justificar essas construções na referência aos “cavaleiros da idade média”, e os colocando enquanto base das práticas do estilo de vida escoteiro. Em seu livro vai apresentar o que seria o “Código dos Cavaleiros”:

A Patrulha do cavaleiro a ele se ligava como um só homem em qualquer situação ou dificuldade, e todos lutavam pelo mesmo ideal do seu chefe, que era o seguinte: A sua honra era sagrada. Eram leis a Deus, e a seu rei e a sua Pátria. Eram particularmente corteses e delicados para com todas as mulheres,

as crianças e os mais fracos. Eram prestativos e ajudavam a todos. Davam dinheiro e comida a quem necessitasse e poupavam seu dinheiro para poder fazer isso. Aprendiam a manejar armas para defender a sua religião e a sua Pátria contra os inimigos. Mantinham-se fortes, saudáveis e ativos para bem cumprirem as regras deste Código. Vocês, Escoteiros, nada podem fazer de melhor do que seguir o exemplo dos Cavaleiros da Idade Média. Um dos pontos importantes das suas obrigações era fazer uma boa ação diariamente para alguém, o que é também um dos artigos da nossa Lei. Quando o Escoteiro se levanta de manhã lembra-se da Boa Ação que deve praticar durante este dia para com alguém. Dá então um nó em seu lenço ou em sua gravata para lembrar-se dela. Se você alguma vez verificar que se esqueceu de fazer a sua Boa Ação diária, no Como Escoteiro você está na obrigação de praticar pelo menos uma boa ação diária. No dia seguinte deverá praticar duas. Lembre-se que pela sua promessa escoteira você estará obrigado por sua honra a proceder dessa forma. Mas não pense que os Escoteiros precisam fazer apenas uma Boa Ação por dia. Devem fazer uma, mas, se poderem fazer cinquenta tanto melhor. Uma Boa Ação pode ser apenas um ato simples e pequeno. Uma boa ação será deixar uma moeda numa caixa de esmolas para pobres, ou ajudar uma senhora de idade a atravessar a rua ou ceder para alguém um lugar sentado, ou dar água a um cavalo sedento, ou remover um pedaço de casca de banana da calçada. Mas, cada dia deve ser feita uma e ela só vale quando não se recebe em troca nenhuma recompensa. (BADEN-POWELL, 2006)

Essa definição de código vai permear as práticas escoteiras até hoje. O Movimento só veio a ser fundado como instituição em 1907, já em período Eduardiano, não mais Vitoriano, que se encerra em 1901. Mas inegável que todo o processo de construção dos valores e princípios socio-político-culturais que BP carregava e o levaram a fundação de um movimento como o Escotismo, foi fundamentada na Era Vitoriana, apenas se materializando no início do século XX.

A partir dessas observações, entendo que BP foi o rosto dos ideais que resultaram no ME, não seu criador único e genuíno, como vai indicar HOBBSAWN(1997) quando cita brevemente o Escotismo pra exemplificar tradições inventadas. Comparo a construção da sua figura “tipo um capitão américa”, no sentido de ser um projeto político em figura de super soldado com certos princípios nacionalistas, divulgado pelo governo em formato de propaganda como uma representação de um modelo ou padrão de estilo de vida. Sendo o Escotismo, - Movimento do qual lhe é creditada a Invenção - neste caso, um projeto de colonização através de princípios e valores impostos por meio de um método “educacional” doutrinador.

1.2 O Escotismo no Brasil e relações com militarismo

“A paz não pode ser assegurada inteiramente por interesses comerciais, alianças militares, tratados de desarmamento, a não ser que o espírito da paz esteja nas mentes e vontades dos povos” – Robert Baden-Powell

Quando BP fala que a paz não poderá ser assegurada sem que o “espírito da paz” esteja nas mentes e vontades dos povos, ele se refere na verdade à um “espírito” de submissão nas mentes e vontades de todos os povos diante do seu. Submissão comercial, submissão militar, e submissão armamentista através da submissão social, cultural e política, que é o que propõe com Escotismo.

No início do Século XX eram temidos tempos de guerra na Europa e, baseado na sua experiência em Mafeking em que treinou e usou crianças brancas da cidade, filhos de colonos, como soldados, assumindo tarefas na defesa do território, BP teria pensado nisso como uma solução para reforçar o poder militar da Inglaterra, idealizando inicialmente que grupos de cerca de 10 adolescentes de classes baixas fossem treinados em táticas de guerra, sobrevivência e armas de fogo. Ele via Mafeking como uma metáfora à Inglaterra naquela época, cercada.

Lord Edward Cecil, chefe do Estado-Maior, reuniu os jovens de Mafeking e formou com eles um corpo de cadetes, uniformizando-os e fazendo-os passar por uma fase de treinamento. E que grupinho esperto e útil eles formaram! Inicialmente muitos homens haviam sido utilizados na transmissão de ordens e recados, na manutenção da vigilância e também como ordenanças, etc. Estas tarefas foram passadas aos jovens cadetes, e os homens ficaram livres para reforçar a linha de tiro. Os cadetes, sob as ordens do seu sargento-mór, um jovem chamado Goodyear, trabalharam bem, e souberam merecer as medalhas que ganharam no fim da guerra. (BADEN-POWELL, 2006)

A narrativa atualmente no Movimento Escoteiro, é que BP, mesmo tendo sido militar por quase toda a sua vida, não queria que o Movimento Escoteiro se espelhasse nessas características, mas ainda sim utilizou de técnicas militares que julgou úteis no desenvolvimento dos jovens em um movimento educacional.

Não se dêem por satisfeitos, (como antigamente se sentiam os romanos, e, hoje, em dia, algumas pessoas) em pagar alguém para jogar o seu futebol ou lutar, por você, as suas batalhas, Faça você mesmo alguma coisa para ajudar a manter a sua Bandeira tremulando no alto. (BADEN-POWELL, 2006)

Segundo o documentário de Dai Richards sobre Baden-Powell, de 1995, exibido no que é a atual BBC britânica, a ação de BP ao distanciar a relação do escotismo com o militarismo foi depois da Primeira Guerra Mundial, onde idealizou que fosse um movimento de paz, dedicado a paz internacional. Isso por que as perdas na guerra, principalmente da juventude, foram significativas e voltar a se repetir faria o Movimento impopular.

A busca por paz internacional se referia, na verdade, a espalhar o “evangelho escoteiro” pelo mundo da branquitude.

A sua pátria e a minha pátria não vieram do nada; foram feitas por homens e mulheres a custa de duros labores e duras lutas, muitas vezes com sacrifícios das próprias vidas isto é, foram criadas pelo patriotismo ardente e sincero. Em tudo o que fizer, pense primeiro na sua Pátria. Não gaste todo o seu tempo e seu dinheiro apenas para se divertir. Pense primeiro como ser útil ao bem comum e depois de tê-lo feito, poderá, com razão e honestamente, divertir-se a seu gosto. Talvez não lhe pareça evidente, à primeira vista, como um simples menino pode ser útil à sua Pátria, mas, tornando-se Escoteiro e cumprindo a Lei do Escoteiro qualquer rapaz poderá ser útil. “Minha Pátria antes de mim”, Deve ser o seu lema. (BADEN-POWELL, 2006)

São várias as semelhanças entre o Movimento Escoteiro e o militarismo, não só pelo civismo, patriotismo ou nacionalismo, mas também na divisão em Modalidades, do Mar, do Ar e Básica, se assemelhando a Marinha, Aeronáutica e Exército, ainda que apenas as modalidades do Mar e Básica tenham sido criadas por BP, e a Modalidade do Ar só foi fundada no Brasil em 1938.

As modalidades são usadas como uma espécie de categoria, ou disciplina de conhecimentos específicos. Os Escoteiros do Mar vão aprender a doutrina do Escotismo através de técnicas de navegação e conhecimentos marítimos. Os Escoteiros do Ar vão aprender através de técnicas aeronáuticas e estudos da aviação. Já os Escoteiros da Modalidade Básica, representando a terra, vão se especializar em habilidades terrestres de exploração, sobrevivência e rastreamento escoteiras.

Interessante pensar que Baden-Powell apenas fundou as modalidades do Mar e Básica. Para pensar nisso importante lembrar que o famigerado “14-Bis” voou pela primeira vez apenas em 1906. Até então não existia avião, tão pouco a Aeronáutica ou Força Aérea. Já a Marinha era antiga, legitimada, essencial pra pensar colonização e certos processos de migração, ou “navegação”, “exploração”. Por isso, muito é visível a sua relação com os princípios do Escotismo. O avião teria se legitimado na Primeira Guerra Mundial, sendo ferramenta

determinante. Ainda assim, a modalidade do Ar só é fundada em 1938, no Brasil, idealizada pelo Maj. Brig. do ar Godofredo Vidal.

Organizada no Brasil em 1938 com a fundação do 1º Grupo de Escoteiros do Ar Ricardo Kirk, através do Tenente Coronel Aviador Vasco Alves Secco, do Major Aviador Godofredo Vidal e do Primeiro Sargento Telegrafista Jayme Janeiro Rodrigues.

Reconhecendo a importância dos Escoteiros do Ar na formação dos jovens brasileiros, e a formação de vocações aeronáuticas, em 1951 o então Ministro da Aeronáutica Brigadeiro Nero Moura – o heroico comandante do 1º Grupo de Aviação de Caça Senta a Púa – editou portaria determinando que todas as unidades da Aeronáutica do Brasil prestem apoio às Tropas de Escoteiros do Ar. Portaria ratificada em 1982 pelo então Ministro da Aeronáutica Délio Jardim de Matos. (*Modalidade do Ar*. Disponível em: escoteirossp.org.br / acesso em 2020)

Durante as pesquisas, revisei a história de como surgiram os “Escoteiros do Ar”. As três datas que destaco nesse trecho da história de invenção da Modalidade do Ar indicam um claro padrão de governos autoritários e nacionalistas no Brasil. Em 1938, a fundação do primeiro GE do Ar durante o Estado Novo de Getúlio Vargas. Em 1951, novamente com Vargas é feita a portaria legitimando e determinando apoio da Aeronáutica aos Escoteiros do Ar, que em 1982 foi ratificada durante ainda a ditadura militar, com João Figueiredo. Esse padrão não é à toa. Todos foram momentos conhecido pela exaltação do nacionalismo e valorização de uma educação “moral e cívica”. Consequentemente, momentos históricos de enaltecimento nacional do Escotismo. Tal como quando o ME chega ao Brasil, em 1910.

Veio por intermédio de marinheiros brasileiros que estavam na época a serviço militar na Inglaterra e puderam ver de perto como funcionava as atividades e a pedagogia de Baden-Powell. Na Época esses militares estavam aguardando a finalização de dois navios militares brasileiros, que seriam utilizados pela frota naval da Marinha do Brasil.

Blower (1999) afirma que o Tenente Eduardo Henrique Weaver, militar da Marinha do Brasil se sentiu entusiasmado com o que viu na Inglaterra. Enxergou no Escotismo a possibilidade real de um Movimento que ia mudar a realidade dos jovens brasileiros, principalmente no que diz respeito aos aprendizados que são uteis para a pátria. O Escotismo segundo o próprio Weaver seria um programa educativo inovador, pois dava ênfase ao aprendizado do civismo, moldando o jovem ao serviço patriótico com base em um conjunto pensado para tal desenvolvimento.

Weaver quando retorna ao Brasil decide escrever sobre suas experiências com o Movimento escoteiro inglês em um artigo intitulado *Scouts e a Arte de Scrutar**. Apresenta um apanhado de informações sobre o

Movimento inglês, principalmente enfatizando sua simbologia e sua disposição para com os ideais da pátria e do civismo que os jovens podem desenvolver ao participarem do Movimento. (JOSUÉ, Felipe de Souza. 2019.)

No livro produzido pela Biblioteca Nacional em 1980, apresentando uma narrativa dos acontecimentos brasileiros na década de 1900, LACOMBE (1980) vai dizer que esse decênio no Brasil se caracteriza pela expansão da hierarquia e restauração das ordens religiosas tradicionais.

Outro aspecto desse período da história da Igreja é a verdadeira enchente que depois dele se opera, de ordens, congregações e institutos, quer de ensino, quer de enfermagem, quer de ação social. De algumas dezenas até 1910, passam a centenas nas décadas seguintes. Os almanaques religiosos consignam a chegada de religiosos, de ambos os sexos, de diversos países, bem como a criação de instituições locais, de âmbito diocesano.

O respeito à propriedade das instituições leigas, Ordens Terceiras e Irmandades, com patrimônio autônomo, fez com que algumas se desdobrassem em obras sociais de benemerência. Ao lado delas, centenas de instituições de mera devoção, Apostolados e Ligas, se multiplicaram. (LACOMBE, 1980.)

Os uniformes, trajes, vestimentas ou vestuários, ainda que eventualmente, como no Brasil, venham à sofrer alterações em seu padrão, tem clara semelhança com uniformes militares, desde o uso de distintivos e a exibição de condecorações, à diferença mantida em muitos lugares na cor e material de acordo com a modalidade e também o zelo pelo garbo e boa apresentação.

O uniforme escoteiro é muito semelhante ao usado pelos meus soldados da Polícia da África do Sul, quando eu comandava. Eles sabiam o que era confortável, útil e capaz de oferecer em proteção contra o mau tempo. Por isso, os escoteiros têm uniformes quase igual aos deles. (BADEN-POWELL, 2006)

O estímulo pela competitividade e alcance de altas nomeações, títulos e cargos, além da divisão de funções hierárquicas em várias instâncias, inclusive e principalmente entre os jovens, o uso de sinas de comando e valorização da postura são semelhanças ou inspirações de sistemas militaristas no Brasil. A intensa valorização do patriotismo pode ser talvez uma das características semelhantes mais fortes, além do trabalho em equipe e a divisão em várias instâncias hierárquicas de poder.

7 – O ESCOTEIRO OBEDECE SEM VACILAR AS ORDENS DOS SEUS PAIS, DO SEU MONITOR, OU DO SEU CHEFE ESCOTEIRO.

Mesmo que receba uma ordem que não lhe agrade, deve fazer como fazem os soldados e marinheiros, ou como ele próprio faria cumprindo as ordens do capitão da equipe de futebol: deve cumpri-la da mesma forma porque é o seu dever. Depois de cumprida a ordem, ele pode voltar e apresentar as razões que tinha contra a ordem dada. Mas a ordem deve ser cumprida imediatamente. Isto é disciplina. (BADEN-POWELL, 2006)

“Os jovens querem fazer coisas, por isso encoraje-os a seguir a direção certa e deixe-os seguir seu próprio caminho” – Robert Baden-Powell. Interessante pensar incentivo do desenvolvimento pessoal e construção da individualidade no Escotismo na sua ideia original, onde na primeira versão da Lei e Promessa Escoteiras publicadas em 1908, segundo o Documentário de Dai Richards, demandava que escoteiros fossem leais à realeza, oficiais, pátria e a empregadores, não aos pais. Os pais de classe média eram vistos como parte do problema, pois poderiam tentar proteger seus filhos de se arriscar.

2 – O ESCOTEIRO É LEAL AO REI, À SUA PÁTRIA, AOS SEUS ESCOTISTAS, AOS SEUS PAIS, AOS SEUS EMPREGADORES E AOS SEUS SUBORDINADOS. Ele deve ficar do lado dos acima citados, em qualquer situação ou dificuldade, contra todos os seus inimigos ou seus maldizentes. (BADEN-POWELL, 2006)

A todo momento na literatura escoteira se fazem referências a batalhas e guerreiros, tentando alertar para os perigos e como estar preparado para agir em guerra, deixando explícita a intenção de através do escotismo treinar jovens para servirem o interesse militar de seu País. “O que serve para demonstrar como na guerra devemos estar preparados para tudo quanto for possível, e não somente para o que for provável.”

Conheci um velho colonizador que, após a guerra-africana, disse que não podia viver no interior do país com os ingleses, porque quando eles chegavam eram tão “stom”, isto é, no seu dialeto, tão profundamente estúpidos que, vivendo no “veldt” (planícies da África do Sul), não sabiam como cuidar de si, como acampar confortavelmente, e como caçar e cozinhar sua comida, e que estavam sempre se perdendo na mata. Admitia que, após mais ou menos seis meses, muitos deles aprendiam a cuidar de si bastante bem, se ainda estavam vivos, pois muitos, antes disso, morriam. (BADEN-POWELL, 2006)

Aqui, passo a entender que o Escotismo naquele momento vem também como uma propaganda à vida nas colônias, ao mesmo tempo como uma preparação para a mesma. Era interesse da Inglaterra as imigrações de ingleses para as colônias reforçando o controle,

representatividade e domínio do Império. Ao mesmo tempo, passou a ser interesse construir a narrativa de que apenas devidamente adestrados pelas técnicas do Escotismo um indivíduo criado na cidade estaria preparado a sobreviver os perigos das “terras não civilizadas”.

A verdade é que os homens criados nos países civilizados não recebem qualquer espécie de adestramento, nada aprendem sobre como cuidar de si no “veldt”, na pradaria ou no sertão. Em conseqüência quando chegam a um lugar selvagem, por longo tempo ficam completamente desamparados e lhes acontece uma série de privações e de acidentes desagradáveis que seriam evitados caso tivessem aprendido quando meninos a cuidarem de si num acampamento. São apenas um bando de “patatenras”. (BADEN-POWELL, 2006)

A principal atratividade no Escotismo para os jovens, entendo que venha da inserção do que chamam no Método Escoteiro de “atividades progressivas, atraentes e variadas”. É nelas que se proporciona interação com outros jovens, se estimula o interesse em novos aprendizados e práticas legitimadas pela instituição, e se desenvolve o sentimento de pertencimento a um grupo exclusivo. A ideia de desbravar territórios é sempre estimulada como positiva, e no Método, sempre trabalhada pautada na diversão. É preciso que os jovens gostem de fazer o que se propõe para que queiram se desenvolver e atrair outros jovens.

Os jovens viam no Movimento uma forma de diversão e também de aprendizado, por possuir um grande conjunto de jogos e atividades ao ar livre, principalmente por acampamentos e incursões ao ar livre. Carregando representações do militarismo, muitos jovens viam o Escotismo como a porta de entrada para o aprendizado militar.

Segundo Blower (1994), outro fator que impulsionou o Movimento Escoteiro no Brasil foi sem dúvida o apoio de intelectuais e políticos que viam no Movimento uma forma de construir a juventude do país em torno das práticas do civismo e sobretudo a ideologia do Patriotismo. Despertou também a iniciativa de instituições como a Igreja Católica, pois o Movimento tem um dos seus pilares fundamentais o amor à Deus. Então a instituição religiosa enxergou que o Movimento em muito podia contribuir para as causas religiosas e sociais.

O Escotismo foi uma proposta educacional que se adequou a sociedade ao longo dos anos. No caso especial do Brasil teve forte apoio das camadas políticas, militares, intelectuais e populares, justamente por ser um Movimento que tinha objetivo principal o condicionamento de jovens por meio de ensinamentos com viés ideológico patriótico. (JOSUÉ, Felipe de Souza. 2019.)

2. Invenção de tradições X Apropriação cultural

Para pensar a origem das “tradições escoteiras” e a reprodução do que seriam “tradições africanas” pelo Escotismo, usarei aqui dois conceitos fundamentais. O de “*Tradições inventadas*” e o de “*Apropriação cultural*”. Me proponho aqui a me debruçar sobre esses conceitos e trabalha-los em conjunto, onde entendo que mesmo que em momentos sejam antagônicos, aqui se complementam. Pra pensar “tradições” trago como referência fundamental “*A Invenção das Tradições*” de HOBSBAWN e RANGER (1997), e “*Apropriação cultural*”, de tantas e tantas pensadoras contemporâneas trazendo reflexões sobre, direta ou indiretamente, escolhi uma que me ajudou muito a esclarecer ~ou escurecer~ a discussão numa perspectiva muito compreensível com a qual me identifiquei, a historiadora e mestrandia em Ciências Humanas e Sociais, Suzane Jardim(2017), especificamente no artigo “*Má que diabos é Apropriação Cultural?*” onde trabalha vários exemplos muito bons pra pensar a apropriação cultural em contextos atuais.

Antes de me debruçar nos estudos dos conceitos apresentados, outros conceitos de base devem ser definidos aqui. Para falar de “*apropriação cultural*”, é preciso primeiro delimitar as concepções de “cultura” e “apropriação”.

GEERTZ(2008) vem como autor de uma das principais apresentações conceituais de cultura. Em “*A Intepretação das Culturas*” define:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície.

[...]

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 2008.)

A ideia de teia de significados é simétrica a de tecidos que vai trabalhar ANZALDUA, e também vai se basear o doutor em Ciências Sociais e babalorixá Rodney William(2019), legitimado pela coordenação da intelectual Djamilia Ribeiro na coluna *Feminismos Plurais*, ao definir cultura na publicação sobre “*Apropriação Cultural*”:

Cultura é o modo de vida de um povo e se manifesta em suas formas de agir e em tudo que produz. É dinâmica, contínua e se modifica constantemente em razão, inclusive, dos contatos com outros grupos ou por conta de suas próprias reinvenções ou ressignificações. A cultura também se transforma e entre as possibilidades mais comuns de alteração estão os empréstimos de elementos culturais de outros grupos, que costumam ser conservados ou adaptados por meio de processos de integração, como intercâmbio, assimilação, transculturação e sincretismo. Tudo isso pode ser sintetizado no conceito de aculturação, que não se deve confundir com apropriação cultural. (WILLIAM, 2019.)

Ao apresentar também o conceito de aculturação, compara com o conceito de apropriação distinguindo-os, onde a diferença essencial entre esses processos de interação, que, portanto, vai definir suas consequências, está na presença da dominação:

No intercâmbio, por exemplo, membros de culturas distintas dividem traços culturais sem a presença crucial da dominação. Aculturação consiste na fusão de duas ou mais culturas diferentes a partir de um contato permanente que gera mudanças em seus padrões culturais. Embora seja uma espécie de troca recíproca, por vezes um grupo oferece mais do que recebe. Esse intercâmbio de elementos culturais é resultado da proximidade entre sociedades diferentes que, a partir de processos de interação, fundem-se e acabam dando origem a uma nova cultura.

[...]

Por meio da assimilação, grupos que dividem um mesmo território, apesar de distintos em sua origem, atingem o que se pode chamar de solidariedade cultural. Trata-se, por exemplo, da fusão de subculturas ou do contato entre culturas rurais e urbanas. A aculturação pressupõe uma fusão completa de grupos totalmente diferentes. Esse é um dos aspectos que a distingue da apropriação cultural, especialmente porque um dos grupos ou ambos são extintos ou persistem de forma equilibrada de acordo com a dinâmica da sociedade. (WILLIAM, 2019.)

A partir das concepções de WILLIAM(2019) e de GEERTZ(2008), entendo que quando se fala em “cultura”, necessariamente vai se estar falando em culturas, no plural, pois as culturas são múltiplas, flexíveis, contínuas e descontínuas, e diretamente condicionadas a existência humana, da mesma forma que existência humana está condicionada as culturas. Cultura é bagagem, é memória e é o que se faz da memória.

Certa vez numa pesquisa acadêmica, já não me lembro mais pra qual disciplina, eu e meus colegas precisávamos entrevistar algumas pessoas de nosso cotidiano questionando se possuíam cultura. A resposta de Caio, amigo que trabalhava comigo na época, foi a que mais me marcou. Caio quando perguntado se tinha cultura sabiamente disse: “Sim, tenho cultura,

mas tenho a minha cultura, dos lugares onde passei, das coisas que vivi, das pessoas que encontrei”. Concordo com Caio, vejo as culturas, como na teia de significados que cita GEERTZ(2008), em linhas tecidas que hora são paralelas, hora se cruzam, hora se envolvem. A cultura é viva e ela se renova. Ao mesmo tempo que se desconstrói se reconstrói em novos significados. Cada indivíduo vai ter a sua bagagem cultural construída baseada na sua experiência. De outra forma se caem em *Determinismos*, como o geográfico e biológico, apresentados por LARAIA(2001) em “*Cultura: um conceito antropológico*”. Onde o Determinismo Geográfico é o que defende que o fator geográfico é determinante no pertencimento de um indivíduo à uma cultura, e o Determinismo Biológico que defende que o que vai determinar é o fator genético. Entendo que ambos têm sua participação e influência na construção de uma identidade cultural, mas o que determina o pertencimento a uma cultura é a vivência, o significado construído a partir da experiência e a forma como se dá essa relação.

Cultura implica pertencimento, logo não pode ser considerada domínio de todos. Porém, na lógica do colonizador, uma vez expropriado de seu território, um povo perderia também a propriedade de sua cultura. O capitalismo representa a continuidade dessa lógica e muitas vezes se apropria dos elementos de uma cultura, produzindo-os em larga escala, comercializando e obtendo lucros extraordinários sem reverter absolutamente nada aos integrantes dessa cultura, como bem mostram os inúmeros exemplos da indústria da moda.

[...]

O corpo de um negro ou de um índio está impregnado de cultura e memória, traz as marcas de dor e sofrimento que a colonização impingiu. Essas peles não são fantasias. Portanto, apropriação cultural não é homenagem, é violência simbólica exercida de forma sutil ou explícita. Ninguém tem o direito de usar um cocar e pintar a cara enquanto apoia o genocídio indígena. Um branco não pode cantar samba e continuar destilando racismo. Um homem não pode se vestir de mulher e manter um comportamento misógino ou homofóbico. (WILLIAM, 2019.)

Refletindo sobre “*A Invenção de Tradições*” e o conceito de “*tradição inventada*” já citado na introdução, entendo que tradições muitas vezes não funcionam tanto da forma que pensamos, e que quando nos é apresentado algo como tradicional, isto é, quando nos dizem que fazer, ser ou ter algo é parte do que nos faz ser ou fazer parte de determinado grupo, não é comum nos questionarmos as origens do que é apresentado quando é do nosso interesse se sentir pertencente à tal grupo. Quem falou? Por que? Qual a real função da reprodução disso para nós?

Quando nos questionamos é possível observar que as tradições são inventadas por alguém em algum momento da história. Algumas tem funções e origens bem definidas que podem ser passadas e reproduzidas por muitas gerações de um determinado grupo mantendo um mesmo significado coletivo. No entanto, por vezes tradições são inventadas e inseridas no meio social apenas como forma de diferenciação, demarcação cultural e distinção social. Na verdade, HOBBSAWN(1997) vai dizer que “Muitas vezes, "tradições" que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas.”

O termo "tradição inventada" é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as "tradições" realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez. (HOBBSAWN, 1997.)

Importante também para pensar “tradição” a diferença de conceitos que é apresentada entre a mesma e “costume”.

A "tradição" neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do "costume", vigente nas sociedades ditas "tradicionais". O objetivo e a característica das "tradições", inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O "costume", nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o exposto na história. (HOBBSAWN, 1997.)

Ainda na introdução exemplifica dizendo que:

"Costume" é o que fazem os juizes; "tradição" (no caso, tradição inventada) é a peruca, a toga e outros acessórios e rituais formais que cercam a substância, que é a ação do magistrado. A decadência do "costume" inevitavelmente modifica a "tradição" à qual ele geralmente está associado. (HOBBSAWN, 1997.)

Além dos costumes, ele diferencia também as “tradições inventadas” do que ele chama de “convenções” e “rotinas” e até mesmo das “regras”, afirmando que essas não possuem “nenhuma função simbólica nem ritual importante, embora possam adquiri-las eventualmente”.

Portanto, suas justificativas são técnicas, não ideológicas (em termos marxistas, dizem respeito à infra-estrutura, não à superestrutura). As redes são criadas para facilitar operações práticas imediatamente definíveis e podem ser prontamente modificadas ou abandonadas de acordo com as transformações das necessidades práticas, permitindo sempre que existam a inércia, que qualquer costume adquire com o tempo, e a resistência às inovações por parte das pessoas que adotaram esse costume. (HOBSBAWN, 1997.)

Voltando a apropriação, JARDIM(2017) diz que quando questionam sua opinião sobre o tema não entende sequer que se trata de uma questão de opinião. Diferenciando apropriação de outros termos usados pra falar de reproduções, ela coloca brilhantemente que:

O termo “apropriação” já tem conotação negativa por si só. Dialoga com “roubo” e “invasão”.

Existem diversos termos e conceitos usados para falar do assunto de um modo positivo: “empréstimo cultural”, “assimilação cultural”, “aculturação”, “sincretismo”, etc.

Todos esses termos existem para falar das mudanças que acontecem em uma sociedade diante de sua fusão com elementos culturais externos. São conceitos para se pensar esses processos de globalização, de cruzamento de culturas e até mesmo de dominação de uma cultura por outra quanto ao lugar que a cultura dominada ganha na sociedade dominadora por meio da assimilação de costumes.

Essa troca é considerada uma parte integrante das dinâmicas sociais e o resultado óbvio do contato entre diferentes tradições e culturas, sendo muitas vezes benéfica e cheirosa.

Se o caso é de “apropriação” não tem muito como emitir opinião do tipo

NOSSA, ACHO DAORA, APROPRIA MESMO, ACHO DEZ, MELHOR QUE LASANHA

Mas enfim

APROPRIAÇÃO cultural tem a ver com hegemonia cultural, dominação, poder, etnocentrismo e capitalismo. (JARDIM, 2017.)

No trecho final, penso que ela é assertiva ao apontar o que deve ser problematizado e o que precisa ser pensado pra entender “apropriação cultural”. Partindo desse entendimento observo e ressalto que pensar o contexto real das relações dos sujeitos, agentes participativos nesse processo de “trocas” é primordial pra invocar o termo referido. Se consolida apropriação

quando essa relação se dá entre o que JARDIM(2017) se refere como “cultura majoritária” e “minoritária”, mas podemos entender também como “cultura dominante” e “dominada” por assim dizer.

As sociedades modernas, essas onde povos de origens diferentes convivem, são formadas por uma cultura majoritária (aquela que dita as regras gerais—a língua, o padrão socialmente aceito de vestir, de comer, de falar, de se relacionar etc) e por culturas minoritárias (aquelas que tem que se submeter às práticas da cultura majoritária pra viver na paz). (JARDIM, 2017.)

Quando se refere a hegemonia, culturas majoritárias, dominações e imposições, entendo que está falando de uma relação de supremacia, uma literal predominância de uma cultura sob uma ou mais outras. E ela explica, “Não tem a ver com número de membros pertencentes, mas sim com qual dessas culturas é mais valorizada e bem vista no meio em que vivemos.”

Em termos mais diretos, em minha opinião a “apropriação cultural” se dá na reprodução de bens culturais, na sua amplitude de possibilidades, de uma cultura minoritária por uma representação de uma cultura majoritária. E essa reprodução é ainda mais visível e questionável, no contexto capitalista, quando envolve o lucro e enaltecimento da cultura dominante em cima do bem apropriado que quando reproduzidos pela cultura dominada é marginalizado, mesmo já possuindo uma carga de significados e funções na construção de uma identidade cultural. Esse processo desigual gera historicamente o esvaziamento cultural de muitos povos.

Entre essas culturas que convivem em um estado não segregado, existem trocas e assimilações porque seria impossível não o ser.

O que é alvo de críticas quando falamos de apropriação cultural é justamente a ignorância e desconhecimento ao tratar uma cultura diferente e a colocação de seus ícones como elementos e produtos postos à venda de um modo que perpetue as relações desiguais de poder entre a cultura dominada e a cultura dominante. (JARDIM, 2017.)

Acho importante também reendossar esse entendimento de que, segundo WILLIAM, são inevitáveis os processos de interação cultural diante do contexto globalizado e de que não existe uma cultura “pura”, e por isso a discussão vai além dos purismos de quem faz ou usa o que de “fulano”. A forma como se dão essas relações são o objeto em questão.

Culturas totalmente isoladas são cada vez mais raras. Num contexto globalizado, com meios de comunicação bem difundidos, as trocas de informações e ideias são inevitáveis. Toda cultura é dinâmica e não está livre

de conflitos, questionamentos, dúvidas, divergências ou embates, que nem sempre se diluem ou se acomodam de maneira simples, requerendo soluções por vezes sectárias que resultam em demandas nunca antes enfrentadas. É o caso da apropriação cultural. (WILLIAM, 2019.)

A partir da apresentação desses conceitos, posso afirmar que Baden-Powell ou o Escotismo se apropriaram de culturas africanas no processo de instituição de suas tradições? Como?

2.1 Invenção das Tradições no Escotismo e observações sobre processos de Apropriação Cultural no contexto da fundação do escotismo

Como poucas eram as semelhanças entre os sistemas político, social e jurídico da África e da Grã-Bretanha, os administradores ingleses puseram-se a inventar tradições africanas para os africanos. O próprio respeito que sentiam pela "tradição" os dispunha a encarar favoravelmente aquilo que julgavam ser tradicional na África. Começaram a codificar e a promulgar essas tradições, transformando desta maneira costumes flexíveis em rígidas prescrições.

Tudo isto faz parte da história do pensamento europeu, mas também se integra bastante na história da África moderna. Os historiadores para chegarem a compreender as particularidades da África précolonial, precisam compreender estes processos complexos; muitos estudiosos africanos e africanistas europeus ainda sentem dificuldade em libertar-se dos falsos modelos de "tradição" colonial africana codificada. Entretanto, o estudo de tais processos não compete apenas aos historiógrafos, mas também aos historiadores. As tradições inventadas importadas da Europa, ao mesmo tempo que forneceram aos brancos modelos de "comando", deram também a muitos africanos modelos de comportamentos "modernos". As tradições inventadas das sociedades africanas: Inventadas pelos europeus ou pelos próprios africanos, como reação - distorceram o passado, mas tornaram-se em si mesmas realidades através das quais se expressou uma incrível quantidade de conflitos coloniais. (RANGER, 1997. P.220.)

O período de desenvolvimento do Escotismo foi marcado também pelo estabelecimento das colônias inglesas. Baden-Powell foi uma grande figura em parte desse processo e em sua trajetória teve contato com diversas culturas, na Índia, na África, e Oriente Médio. Esse processo é essencial na construção das místicas e pra pensar a invenção das tradições escoteiras.

O período colonial na África trouxe inúmeras consequências no âmbito cultural, na África e em todo mundo pra além do que uma narrativa de "trocas culturais" possa contemplar. O processo foi simbolicamente e literalmente mais violento que isso. Aqui observo algumas

consequências do colonialismo, como possíveis apagamentos culturais, invisibilização de culturas, apagamento de registros, espetacularização e apropriação de culturas africanas, de forma geral e através da análise do contexto da fundação do Escotismo como objeto de estudo.

Exemplificando um pouco a questão da espetacularização, registro que durante a pesquisa pra fundamentação e referências na escrita deste trabalho, por vezes tentei pesquisar mais à fundo culturas africanas. De forma mais específica, por exemplo, muito pesquisei pela cultura do povo Zulu, citado desde as primeiras literaturas fundamentais do Escotismo pelo próprio BP como uma das inspirações às práticas escoteiras. Na maioria das tentativas me deparei com conteúdos rasos e superficiais e informações puramente turísticas, majoritariamente focadas na questão da poligamia e muito pouco sobre os reais significados de seus costumes. Explico isso para falar da dificuldade de escrever sobre povos ancestrais africanos hoje e pensar o porquê de ser tão difícil acessar dados e registros históricos dessas culturas.

RANGER(1997) diz sobre a *“Invenção das Tradições na África Colonial”* que no período de estabelecimento das colônias inglesas na África, além da invenção e enaltecimento de tradições inglesas de muita “pompa e circunstância” é gerado um processo pelos ingleses também de invenção de tradições africanas.

As décadas de 1870, 80 e 90 foram épocas de grande florescimento das tradições inventadas européias - tanto eclesiásticas como educacionais, militares, republicanas e monárquicas. Estas décadas também marcaram a penetração européia na África. Existiram várias ligações complexas entre estes dois processos. A idéia de império era dominante no processo de invenção de tradições na própria Europa, mas os impérios africanos, por terem surgido muito mais tarde, mostraram as consequências. não as causas das tradições inventadas européias. (RANGER, 1997. P.219.)

As décadas que se refere no texto, não por coincidência, são também o período de ingresso e ascensão da carreira militar de BP e, portanto, a época que teria marcado sua formação enquanto cidadão inglês e onde teria desenvolvido os ideais e valores concretizados no Movimento Escoteiro.

Distribuídas pela África, entretanto, as novas tradições adquiriram um caráter peculiar, que as distinguiu de suas versões imperiais europeias e asiáticas. Ao contrário da Índia, muitas partes da África tornaram-se áreas de

colônias de povoamento de brancos. Isso significava que os colonizadores tiveram de definir-se como os senhores naturais e incontestáveis de uma grande população africana. Os colonizadores basearam-se nas tradições inventadas européias, tanto para definir quanto para justificar sua posição, e também para fornecer modelos de subserviência nos quais foi às vezes possível incluir os africanos. (RANGER, 1997. P.219.)

Destaco também a importância dessa percepção de que nesse processo os colonizadores ingleses entenderam que era necessária a invenção de tradições africanas que perpetuassem e legitimasse a relação hierarquizada entre eles e os nativos. Nessa linha de pensamento, observando que essas eram demandas dos colonizadores na época, entendo que o Escotismo vem também como parte da “solução” nesse processo, onde a proposta era que os escoteiros seriam os “novos colonizadores”. Treinados em sobrevivência, técnicas de exploração, caça e rastreamento, legitimados na institucionalização de tradições inventadas com discursos e políticas inclusivo-excludentes, e preparados para “desbravar” e “civilizar” terras e povos “selvagens”.

Quando me refiro a “discursos inclusivo-excludentes” no Escotismo, exemplifico com uma das frases que para mim é norteadora das controvérsias do Movimento. Escrita pelo próprio Baden-Powell no livro “Escotismo para Rapazes”, frase que particularmente me foi repetida muitas vezes na minha “vida escoteira” e que hoje me faz refletir muito mais profundamente.

“O Escotismo é para todos, mas nem todos são para o Escotismo”. Essa frase é muito forte, ao meu ver, pois exemplifica muito bem o disfarce de ambiguidade no discurso que na verdade é bem direto na ideia de excluir sujeitos. Constrói brevemente a ilusão de que o Escotismo estava pensando em inclusão, participação, e que todos podem ser escoteiros, mas demarca muito bem quem é que pode. Pode quem se submete aquela soberania de discurso que está sendo colocada. Pode quem aceita e se adequa aos modos de ser e fazer impostos naquilo que é “vendido” como estilo de vida “padrão”. Mas se você insiste em não se ajustar você estará fora. Não é um de “nós”. Não serve para o Escotismo.

Antes mesmo da criação do M.E. já existia nas colônias inglesas a ideia de exclusão decorrente da cultura de hierarquização europeia. As diferenciações já eram demarcadas nas questões trabalhistas. RANGER(1997) vai colocar o exemplo dos rituais do sindicalismo, que também validavam quem poderia ou teria direito de exercer determinadas funções, e como foram usados como argumento no contexto das colônias na África.

Na África, portanto, todo o aparelho composto pelas tradições escolares, profissionais e regimentais veio a exercer um papel de comando e controle muito maior do que na própria Europa. Além disso, na Europa, tais tradições inventadas das novas classes dominantes eram até certo ponto contrabalançadas pelas tradições inventadas dos operários ou pelas culturas "populares" inventadas pelos lavradores. Na África, nenhum agricultor branco se considerava camponês. Os trabalhadores brancos das minas do Sul da África realmente basearam-se nos rituais inventados do sindicalismo de ofício europeu, porém em parte porque estes eram rituais de exclusividade, podendo ser usados para evitar que os africanos fossem definidos como operários. (RANGER, 1997. P.219.)

Essas tradições inventadas para África colonial com funções específicas de distinção entre os povos, tais quais as tradições escoteiras, conforme aponto, são o que RANGER vai definir como “*neotradições*”.

As neotradições eram importantes também porque nas últimas décadas do século XIX passou a haver uma necessidade urgente de tornar a atividade europeia na África mais respeitável e organizada. Embora na própria Grã-Bretanha, com a promoção da burocracia e das tradições do funcionalismo na escola, no exército, na igreja e até mesmo no comércio, a vida estivesse sendo organizada, a maior parte das atividades europeias na África tropical, administrativas ou não, haviam permanecido desorganizadas, mirradas, irregulares e ineficientes. Com o advento do domínio colonial formal, tornou-se imprescindível a transformação dos brancos em membros de uma classe dominante convincente, com direito de defender sua soberania não só pela força das armas e do capital, como também através do *status* consagrado pelo uso e outorgado pelas neotradições. (RANGER, 1997, P.223.)

Voltando a fundação do Escotismo, BP vai alegar que as tradições escoteiras sofrem influências de tradições africanas devido aos seus contatos em expedições militares com povos nativos. Essas tradições africanas seriam, na verdade, baseando-me em RANGER, “costumes” africanos, flexíveis, como ele coloca, com funções e significados que definiam suas condições e circunstâncias naquele momento e, portanto, também suas identidades. Neste caso, quando falo em “apropriação cultural” no Escotismo, estou dizendo que BP se apropriou de costumes de culturas africanas em período colonial e os instituiu em tradições no Movimento Escoteiro.

Entro agora na análise de alguns exemplos de apropriação cultural. Estudando as bibliografias escoteiras é possível se questionar diversos aspectos que podem ou não ser considerados apropriação. Perpasso aqui por alguns deles escolhidos pelo que interpretei como facilidade na visibilidade do processo de apropriação. Citarei outros exemplos para

fundamentar a reflexão, mas recorto o destaque para análise do que me parece ser a referência principal, ou ao menos a que consegui desenvolver melhor, o “aperto de mão escoteiro”.

Existe uma espécie de “lenda” preservada no ME ao redor da origem dessa tradição. O trecho a seguir de um manual de escotistas da UEB exemplifica a narrativa vaga que abordarei.

Parece estranho que os escoteiros se cumprimentam com a mão esquerda, não é? No entanto, o significado é que um escoteiro confia no outro escoteiro. Isto se deve a uma passagem da vida de B-P: certa vez, ao estender a mão direita para um chefe de uma tribo africana surpreendeu-se, quando o indígena estendeu a esquerda para cumprimentá-lo. Depois o chefe deu B-P a seguida explicação: aqui os grandes guerreiros se cumprimentam com a mão esquerda, largando para isso o escudo. Assim deixam claro sua coragem e a confiança que depositaram um no outro, mesmo que seja o adversário. Entre, nós os guerreiros são homens de honra e os homens honrados são sempre leais. (Escritório Nacional da UEB. “Os primeiros meses de uma nova tropa escoteira”, s/ data. Disponível em escoteiros.org.br)

Não consegui encontrar ainda registros concretos da origem dessa tradição no Escotismo. Pesquisando por narrativas não oficiais, encontrei versões semelhantes dessa mesma história se referindo a dois possíveis povos que seriam estes “indígenas” mencionados no trecho. Os Ashantís e os Zulus, sendo na maioria delas os Ashantís.

Um dos biógrafos de BP, o brasileiro Antonio Boulanger, na sua obra principal “Chapelão – Histórias da Vida de Baden-Powell” retrata uma versão mais detalhada se referindo ao povo Ashantí:

Dizem que ao entrar em Kumashi, Baden-Powell foi recebido por um dos chefes locais que ao cumprimentá-lo, ofereceu a mão esquerda explicando que era assim que eles saudavam os amigos, pois se com a mão direita eles seguravam a lança, com a esquerda seguravam o escudo que os protegiam dos inimigos. Assim, para apresentar a mão esquerda para o cumprimento o guerreiro deveria soltar o escudo, demonstrando a sua confiança na outra pessoa. (BOULANGER, 2011, p. 85).

Em outro manual de formação de escotistas, este voltado para místicas e tradições escoteiras, vão dizer também que:

Ao construir o Escotismo, B-P aproveitou essa ideia para instilar nos Escoteiros a confiança de uns nos outros, por meio de mais um sinal secreto, de significado só conhecido pelos iniciados. E realmente, durante a Segunda Guerra Mundial, nos países ocupados pelo Eixo, foi um verdadeiro sinal secreto

de resistência contra ideologias destrutivas. (Equipe Nacional de gestão de adultos da Diretoria de Métodos Educativos da UEB. MÓDULO TÉCNICO DE MÍSTICA E TRADIÇÕES. 2016, P.42)

Esse trecho é importante pra observar como se referem ao uso do aperto de mão e as funções dessa tradição. Novamente reforçando a questão dos meios de distinção e exclusividade que carregam as tradições escoteiras. Me pergunto, inclusive, ao que se referem na citação como “ideologias destrutivas” no contexto da Segunda Guerra Mundial.

Baden-Powell, anos depois do contato com o povo que teria originado ou inspirado a saudação, na criação do Escotismo, inseriu o aperto de mão como uma das principais tradições escoteiras. Até hoje em qualquer lugar do mundo onde houverem escoteiros, se cumprimentam dessa forma. A inserção dessa tradição no Movimento ainda é tida como uma homenagem respeitosa à “tribo guerreira”, e durante 12 anos como membro do ME nunca ouvi ser questionada. No entanto, ao tomar conhecimento do real contexto da relação de BP, do exército e do próprio Império Britânico daquele período com a África, seus recursos e povos, sobretudo nesse caso em relação aos povos Ashantí, Zulu e Matabele, pode-se concluir que esse ato de reprodução seja no mínimo questionável. Podemos observar também que, de acordo com a “lenda” retratada pelos escoteiros, o costume para os Ashantí possuiria uma justificativa e função bem definidas e ajustadas as suas realidades. Já para os escoteiros, além da função "homenageosa", a tradição serve apenas como meio de distinção social, a afirmação de um status, uma forma de diferenciar os escoteiros dos demais e não possui uma função educacional legítima, ainda que possua seu papel no Método Escoteiro. A reprodução do gesto nesse contexto é desrespeitosa, um ato de esvaziamento cultural de um povo já explorado das mais variadas formas, um roubo e principalmente uma forma reafirmar superioridade e dominação sob uma cultura.

A saudação é um gesto simbólico só usado entre homens de categoria. É um privilégio poder saudar alguém. Antigamente todos os homens livres tinham direito ao porte de armas e, quando se avistavam, ambos levantavam a mão direita para mostrar que não traziam nela nenhuma arma, e que se encontravam como amigos. Isto também se passava quando um homem armado encontrava uma pessoa indefesa ou uma senhora. Os escravos ou servos não tinham o direito de levar consigo uma arma, e por isso, ao cruzar com homens livres, não faziam nenhuma saudação. Hoje em dia as pessoas não usam armas. Mas os que teriam o direito de usá-las como cavaleiros, escudeiros e homens de arma, isto é, o que vivem de renda ou os que ganham sua própria vida, ainda empregam a saudação mútua levando a mão ao chapéu ou mesmo tirando-o. Os vadios e os “inúteis” não têm o direito de saudar e por isso passam como em

geral o fazem, sem tomar conhecimento dos homens livres ou dos que vivem do salário. (BADEN-POWELL, 2006)

Voltando a questão inicial, a partir das observações feitas, posso afirmar que a instituição da “tradição” do “aperto de mão escoteiro” é uma “apropriação cultural” dos costumes de um povo africano?

Novamente, JARDIM(2017) explica didaticamente os critérios para configurar e identificar uma apropriação cultural. Ela diz que:

Isso basicamente acontece quando rolam esses passos aqui ó:

1- a cultura majoritária desdenha de elementos de uma cultura minoritária dando a eles ares de exotismo, criminalizando-os, destratando e ligando-os ao indesejado porque só a cultura deles é pra ser daora, tesuda e civilizada;

2 — aí todo mundo que está inserido nessa sociedade passa a ver esses elementos minoritários como nocivos e inferiores;

3 — a cultura minoritária passa a abandonar seus elementos para se adaptar aos elementos dados pela cultura majoritária e, os que permanecem resistindo, são excluídos ou destratados por essa sociedade;

4 — aí, quando esses elementos ligados àquela cultura minoritária já estão com carga negativa suficiente e quando a sociedade toda tá curtindo a onda posta pela cultura majoritária BOOOOOOM! resolvem resignificar elementos minoritários para serem consumidos pela maioria entediada;

5 — então aqueles elementos antes destratados são colocados como objetos que deveriam ser desejados pelos que vivem a cultura majoritária em sua plenitude — são capitalizados, comercializados e propagandeados para que a cultura majoritária os achem interessante, veja ali beleza pela primeira vez e os consuma.

*Por isso esse argumento de “aim, as negras alisam e pintam o cabelo de loiro mas ninguém diz que é apropriação” é um argumento burro porque, olha só: imposição estética não é apropriação, seja bem vindo ao mundo real. (JARDIM, 2017.)

Todos esses critérios apontados pela autora entendo que narrem diretamente a relação do Império Inglês, enquanto cultura dominante, com as culturas já existentes nas colônias inglesas, conforme apresentado por RANGER (1997), no capítulo em que aborda a *“Invenção das Tradições na África Colonial”*. E levando em conta que o Escotismo foi fundado para jovens ingleses e por um militar inglês renomado e condecorado no início do Século XX, essa era portanto também a relação entre o Escotismo ou a “cultura escoteira” com as culturas das

colônias. Isto é, diante do contexto das relações dos sujeitos envolvidos, configura apropriação sim.

Basicamente toda criação cultural é boa pro capital porque ele pode ter a chance de lucrar em cima, simples. MAS ele só vai lucrar de fato com isso de um modo pleno se convencer a parte da sociedade que consome que aquilo é dez, ao mesmo tempo que consegue manter uma outra parte na subalternidade—porque né, sem desigualdade não existe capitalismo.

Tem uma simetria que rola na internet que eu particularmente acho boa: é quando você, sendo minoria cultural, faz um trabalho, tira um F e seu professor e a banca avaliadora dizem pra você mandar currículo pro McDonalds porque tu nunca vai ter futuro na área MAS AÍ tu empresta seu trabalho pra alguém da cultura majoritária, ele copia teu trabalho inteiro, tira A e ainda ganha convite pra ir no Faustão falar pro Brasil inteiro sobre como ele é foda e original.

O problema é que, o professor, a banca que julga teu trabalho e os produtores do Faustão nessa simetria são o sistema, sabe? São eles que dão peso diferente pras duas produções. Não é como se o maluco que copiou teu trabalho fosse um cara malvadão que tá lá rindo dizendo que vai foder você porque sim. Então é meio babaca tu ir na página do Facebook desse maluco postar meme e fazer campanha pra ridicularizar o parça, sendo que é todo o sistema que tá errado em julgar os dois de modo diferente e de não ter reprovado o sujeito também — afinal, não pode copiar trabalho, né? Então...

Ok

vocês provavelmente dirão que eu tô fazendo “defesa de apropriador”, “passando pano” ou sei lá o que. Mas porra, o cara não vai sozinho “””””se apropriar e destratar toda uma cultura””””” o desgramado precisa sim de todo um aval sistêmico pra isso. Sem esse aval ele seria expulso por copiar trabalho do amiguinho, caspita! *vemos aqui eu me apropriar de um termo da cultura italiana, risos * (JARDIM, 2017.)

Aqui JARDIM(2017) detalha ainda mais ao exemplificar apropriação no contexto capitalista. Reforça também o ponto apresentado ainda na introdução. Quando falo de apropriação cultural no ME, roubo e outras coisas complexas decorrentes do colonialismo, até quando critico diretamente Baden-Powell por suas ações, a ideia não é condenar sua figura como vilão ou “cancela-lo”, como pensam que fazem na minha geração. O vilão dessa história é o sistema imperialista colonizador europeu e a carga de valores etnocêntricos e conservadores que BP, e sua geração de classes altas, nobres e militares carregavam. E passa a ser também a instituição escoteira quando se torna um discurso oficial que reforça esses valores.

Então, minha opinião é que vocês focam no inimigo errado, insistem em colocar uma questão sistêmica como problema individual e em pôr as coisas na linha do “quem pode” e do “quem não pode”. A permissão a sociedade já deu. Capitalizados e com seu significado cultural original alterado ou esquecido os elementos já estão.

A gente tem é que aprender a atacar quando vemos os discursos oficiais endossando isso, a reclamar quando a banalização disso permanece sendo vendida nos bailes da Vogue. (JARDIM, 2017.)

Dando continuidade a apresentação de exemplos, agora discorrendo com menos profundidade, apresento aqui algumas tradições escoteiras para análise de apropriações culturais refletindo sobre suas origens. São elas: o *Indaba*; a canção *Een gonyâma*; a canção *Ging gang goo*; e a *Insígnia da Madeira*, respectivamente.

O “*Indaba*”, para os escoteiros trata-se de uma reunião periódica, no Brasil, geralmente semestral ou anual e a níveis local, regional e nacional, de planejamento de um novo ciclo de atividades escoteiras. É uma imersão de um ou mais dias dedicados ao alinhamento das chefias, planejamento das metas e objetivos atuais do grupo, e consolidação da programação. Uma conferência ou sequência de conferências que quase sempre são exclusivas aos chefes e demais adultos voluntários.

Hoje, na África do Sul, *Indaba* também é o nome de uma grande reunião de negócios, voltada para marketing turístico.

O Travel Indaba da África é um dos maiores eventos de marketing turístico do calendário africano e um dos três principais eventos 'obrigatórios' desse tipo no calendário global. Apresenta a mais ampla variedade dos melhores produtos turísticos da África e atrai compradores e mídia internacionais de todo o mundo. O Travel Indaba da África é de propriedade da South African Tourism e organizado pela Synergy Business Events (Pty) Ltd. Viagem na África Indaba ganhou os prêmios pelo melhor show de viagens e turismo da África. Este prêmio foi entregue pela Association of World Travel Awards.” (Disponível em indaba-southafrica.co.za)

As possíveis traduções para o termo “*indaba*” remetem conferência, reunião, reunião de chefes/líderes e negócios. Segundo o dicionário online *Educalingo*:

Um *indaba* é uma importante conferência realizada pela izinDuna dos povos Zulu ou Xhosa da África do Sul. Essas *indabas* podem incluir apenas o izinDuna de uma determinada comunidade ou podem ser realizadas com representantes de outras comunidades. O termo vem de uma palavra de língua zulu, que significa "negócio" ou "matéria". (Disponível em: educalingo.com)

A pós graduada em educação musical, Lidia Minamizaki Ikuta escreve em 2014 sua monografia abordando educação musical no Movimento Escoteiro. No seu texto ela apresenta algumas canções preservadas como escoteiras e estuda suas origens, como é o caso da canção conhecida como *Een gonyâma*.

Em seu caminho a Umsinduze e Pretória (cidades próximas de Joanesburgo), Baden-Powell foi impressionado pelo apelo retórico da combinação entre música, poesia e movimento cadenciado da tropa de guerreiros Zulus (acompanhantes da tropa inglesa pelo território) que entoavam um canto de guerra (*Een gonyâma*). No primeiro acampamento escoteiro, na ilha de Brownsea (1907), Baden-Powell demonstrou sua percepção desse apelo retórico do canto Zulu (como manifestação de integração e determinação grupal), ao fazer o *Een gonyâma* ser executado como uma das atividades de integração entre os 21 rapazes participantes. Ele reservou esse canto para o encontro noturno, destinado a conversas junto à fogueira, que mais tarde tornou-se a base do fogo de conselho (praticado atualmente pelos escoteiros em todo o mundo).

O canto *Een gonyâma* é nomeado na literatura escoteira como uma das bases não apenas de atividades de integração entre os participantes, mas especialmente como introdução de utilização da música no movimento. [...]

O primeiro contato de Baden-Powell com o canto *Een gonyâma*, ocorreu durante a marcha pelo território Zulu (1888) para capturar o chefe Dinizulu, um guerreiro Zulu, que liderava a luta do seu povo contra a incorporação do território pelos britânicos. Baden-Powell relatou que ele e a tropa inglesa pensaram se aproximar de alguma unidade religiosa (Igreja ou Missão), pois o canto foi ouvido ao longe e inicialmente percebido como um som de órgão (cf. BOULANGER, 2011, p. 64). Ao alcançar o topo de uma elevação, ele avistou três longas filas de homens (aprox. quatro a cinco mil guerreiros Zulus) marchando e cantando no caminho pelo vale na direção dos ingleses.

O livro *Escotismo para rapazes* apresenta a seguinte tradução para o texto do *Een gonyâma*: “Ele é um leão! Sim! Melhor que isto: ele é um hipopótamo!” (BADEN-POWELL, 1975, p. 73). (IKUTA, 2014, P.30)

Outra canção escoteira apresentada por IKUTA em seu trabalho é a “*Ging gang goo*”, que como ela diz, possui letra possivelmente multilinguística, majoritariamente de origem africana, mas sem especifica-la, entendendo BP como o possível compositor final.

O *Ging gang goo* é um canto em forma de jogo musical, para recreação, integração e sociabilização, com possibilidades variadas de alteração tanto musical quanto poética, em relação aos seus registros originais. Algumas fontes indicam que a melodia teria sido composta por Baden-Powell durante o primeiro Jamboree Mundial, em 1920 (cf. WIKIPEDIA, 2014). A letra contém algumas palavras onomatopaicas africanas, que ele teria aprendido durante sua permanência na África do Sul, tendo sido aproveitada para permitir que os escoteiros participantes (de diversos países) pudessem cantar e dançar juntos, independentemente das pronúncias e do ritmo prosódico relacionados às suas línguas maternas, ou mesmo independente das construções e complexidades musicais das origens de cada escoteiro. A melodia do *Ging gang goo* apresenta intervalos simples (segundas menores e maiores, terças maiores e quintas justas), ritmo quaternário, com letra de fácil articulação e memorização. A melodia demonstra uma possível utilização da primeira semifrase da Sinfonia n. 1, K 16 (1764) de Wolfgang Amadeus Mozart. (IKUTA, 2014, P.30)

O exemplo final escolhido é a “*Insígnia da Madeira*”, a mais valiosa conquista de progressão na formação de um Escotista. A OMME, na representação da UEB, possui um texto dedicado a apresentar o que seria o marco de referência da Insígnia no Escotismo mundial. Desse texto, destaco o trecho específico voltado para sua origem:

As primeiras *Insígnias de Madeira* foram feitas a partir de contas extraídas de um colar que havia pertencido a um líder zulu Chamado Dinizulu, que B-P havia encontrado durante sua permanência na Zululândia, em 1888. Em ocasiões formais Dinizulu usava um colar de 3 metros e meio de comprimento, que continha aproximadamente 1000 contas feitas de madeira de acácia amarela sul-africana. Esta madeira tem uma medula central macia, o que faz com que seja fácil para atravessar um cordão de couro através dela, e é assim que as contas foram organizadas. Feito de contas variadas, de pequenas até outras de 4 polegadas, o colar era considerado sagrado, sendo as contas concedidas à realeza e aos guerreiros destacados. Quando B-P estava buscando algum símbolo para reconhecer as pessoas que passaram pelo curso de formação em Gilwell, recordou-se do colar de Dinizulu e o cordão de couro que havia ganhado de um ancião africano em Mafeking. Tomou duas das contas menores, as perfurou através do centro e as laçou com o cordão, batizando-a como Insígnia de Madeira. (Escritório Nacional da UEB. “Marco referencial da Insígnia da Madeira”, S/ data.)

O exemplo da Insignia da Madeira talvez seja um tão forte quanto o aperto de mão, só que mais violento. Isto porque, naquele contexto colonial eram realizadas campanhas contra “tribos” africanas e em defesa dos interesses da coroa inglesa. Dentre elas o povo Zulu foi conhecido por sua forte resistência a esses processos. BP na época de encontro à Dinizulu, representação da liderança Zulu, participava da campanha contra seu povo. E por campanha lê-se massacre daqueles que resistissem ao processo de expansão compulsório da Europa.

O Império inglês não só derrotou a resistência Zulu ali, como também teria se apossado, na representação de BP, do objeto símbolo da liderança e força daquele povo, o despedaçado, esvaziado de significados, deixando resquícios do que seria sua ligação identitária com aquele povo e ressignificou inventando e instituindo essa nova “tradição”.

Encerro este capítulo com a afirmação de WILLIAM(2019), ao reivindicar o respeito às culturas marginalizadas pela cultura dominante:

O respeito pela cultura de grupos historicamente subjugados é primordial. As estratégias de dominação são inerentes à apropriação cultural e visam apagar a potência desses grupos, esvaziando de significados todas as suas produções, como forma de promover seu aniquilamento. Portanto, escamotear os traços negros e indígenas das tradições culturais brasileiras é o mesmo que roubar a humanidade desses povos e impulsionar seu genocídio. É uma violência, um crime. (WILLIAM, 2019.)

2.2 O Escotismo como Ordem discursiva, um movimento de dominação

O Escotismo utiliza uma estrutura unificadora de temas e símbolos para facilitar o aprendizado e o desenvolvimento de uma identidade única como Escoteiro. No Escotismo, um marco simbólico é um conjunto de símbolos, temas e histórias que desenvolve senso de pertencimento, ajuda a transmitir uma determinada mensagem educacional e estimula a coesão e a solidariedade dentro do grupo e do Movimento em nível global. (“O Marco simbólico”. Disponível em: escoteiros.org.br, 2020.)

FOUCAULT(1999) faz parte das leituras fundamentais pra construção desse trabalho. Aqui pretendo refletir sobre a questão do discurso e as relações do discurso com os domínios do saber e do poder, mecanismos de controle com base na “Ordem do discurso”. Trago o Movimento Escoteiro como objeto de reflexão.

Certamente, se nos situamos no nível de uma proposição, no interior de um discurso, a separação entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrária, nem modificável, nem institucional, nem violenta. Mas se nos situamos em outra escala, se levantamos a questão de saber qual foi, qual e constantemente, através de nossos discursos, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história, ou qual é, em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se. (FOUCAULT, 1999, P. 14)

No Livro, FOUCAULT(1999) observa que há uma luta pelo discurso e no discurso pelo que se entende por verdade. O que ele chama de “vontade de verdade” justifica uma série de procedimentos que se vai fazer em torno do discurso para institucionaliza-lo e impedir que seja livre e possa ser usado como poder e disputa por todo mundo. Há um embate no discurso entre desejo e a instituição.

o desejo diz: "Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem a minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz".

E a instituição responde: "Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém". (FOUCAULT, 1999, P. 7)

Quando fala em “vontade de verdade”, entendo que se refere a vontade da ordem discursiva de que o discurso colocado seja verdadeiro. Tal como, a vontade do indivíduo que deseja fazer parte da ordem do discurso. Essa vontade apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional exerce uma pressão como poder de coerção nos outros discursos.

O Movimento Escoteiro foi criado, por essência, para ser um movimento voltado para o jovem, e também feito por eles, com o auxílio de adultos voluntários. Se chama movimento por estar sempre em constante transformação, acompanhando as mudanças da geração, mas sem perder seu propósito educacional.

Por meio de atividades variadas e atraentes, o Escotismo incentiva os jovens a assumirem seu próprio desenvolvimento. Por meio da vivência nas Unidades Escoteiras Locais, os jovens aprendem e tomam gosto por se

envolverem com a comunidade, se transformando em verdadeiros líderes. Por meio da proatividade e da preocupação com o próximo e com o meio ambiente, os jovens são engajados em construir um mundo melhor, mais justo e mais fraterno.

É no grupo escoteiro que o Escotismo verdadeiramente acontece. Quem aplica as atividades, dinâmicas e ajuda os escoteiros são os adultos voluntários, conhecidos por escotistas. Os jovens, por sua vez, são divididos conforme sua faixa etária para que o Programa Educativo possa ser trabalhado nas seis áreas de desenvolvimento: físico, intelectual, social, afetivo, espiritual e de caráter, com base nas características individuais de cada fase. (“Escotismo”, Disponível em: escoteiros.org.br, 2020.)

Ele vai dizer também que em toda sociedade a produção do discurso vai sofrer certo “número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” E que as ordens discursivas vão possuir três princípios de limitação que vai chamar de: Comentários, que vão funcionar como encadeamento em que vai se remetendo o funcionamento da ordem num sistema onde um sustenta o outro, fechando o sentido e impedindo que o discurso fique solto; Autores, onde atribuição de autoria gera controle sobre o que se fala e o que não se fala, ou seja, do discurso; E disciplinas, que vão configurar campos específicos, ordens de discurso muito fechadas, com muitas regras em que só pode entrar e participar daquela ordem disciplinar quem está dentro do sistema de regras estabelecido.

Esses princípios de limitação, segundo FOUCAULT(1999), são Sistemas inclusos de controle, e, por sua vez, políticas discursivas. Tanto disciplinas, quanto comentários e autorias são políticas discursivas, e são princípios de controle da produção do discurso. Essa disciplina, ou seja, essas políticas fixam os limites, ao fazer isso forçam uma reatualização das regras, e isso gera uma identidade, no sentido de você reconhecer quem pertence e quem não pertence aquela ordem de discurso.

No Escotismo, a ideia de disciplina é presente não só na divisão em áreas de conhecimento ou de desenvolvimento, mas também, e principalmente na ideia de limites fixos e da exclusão de sujeitos “inadequados”. O ME enquanto instituição vai usar dos princípios de limitação pra centralizar o controle da produção discursiva. De quem produz e do que é produzido enquanto discurso.

FOUCAULT(1999) diz também que essas políticas discursivas vão usar de três tipos de procedimento. Os externos, que são procedimentos de exclusão; Os internos, para conjurar o perigo do aleatório; E os de rarefação, que seleciona os sujeitos que falam. Isto é, nem todo

mundo pode acessar as regras, nem todo mundo vai ter direito a participar da ordem discursiva. Ninguém vai entrar na ordem do discurso se não satisfizer as regras impostas e não possuir as “qualificações” necessárias para participar dessa ordem da sociedade de discurso. O exemplo no capítulo passado, onde BP diz que nem todos são para o Escotismo, representa bem isso.

O Programa Educativo foi pensado para estar inserido no cotidiano dos jovens, de acordo com suas necessidades de crescimento e do meio onde os jovens se desenvolvem, se adaptando a diferentes realidades e respeitando sua autonomia.

Essa é a visão de futuro que são ensinadas a todos escoteiros, contribuindo para a educação de jovens, por meio de um sistema de valores baseado na Promessa e na Lei Escoteira, ajudando a construir um mundo melhor, onde as pessoas se realizem como indivíduos e desempenhem um papel construtivo na sociedade.

Pensando global e agindo local, o Escotismo acredita que, por meio de boas e pequenas ações, podemos transformar o mundo. Mundialmente, o Movimento Escoteiro pretende ser o mais importante movimento educacional juvenil do mundo, possibilitando que 100 milhões de jovens sejam cidadãos ativos em suas comunidades e no mundo, baseados em valores comuns. (“Escotismo”, Disponível em: escoteiros.org.br, 2020.)

A ideia de ordem de discurso, pra além do entendimento de “ordem”, no sentido de normatização e seguimento de padrões, tem a ver com fechamento. Nesse sentido, a Organização Mundial do Movimento Escoteiro, a União dos Escoteiros do Brasil, e outros exemplos que podemos enxergar atualmente, como a Ordem dos Advogados do Brasil e a própria “comunidade acadêmica” são ordens discursivas. Pois, se tratam de sociedades que selecionam sujeitos que podem ou não entrar de acordo com uma série de parâmetros.

Os sistemas de controle estarão presentes em sua síntese no Escotismo através da Lei e Promessa escoteiras, onde são apresentadas as suas regras, normas e qualificações impostas a quem almejar ingressar essa sociedade. É através dessas imposições que se excluem aqueles que não se adequam ao padrão estabelecido. A Lei escoteira é apresentada em 10 artigos norteadores do que o fariam ser um escoteiro.

A Promessa Escoteira é um compromisso voluntário e pessoal com a Lei Escoteira, ou seja, com um conjunto de valores inclusivos e compartilhados que são a base de tudo o que o Escoteiro faz e de como ele quer ser. A Promessa e a Lei Escoteira são o centro do Método Escoteiro. Através da Promessa, cada Escoteiro toma uma decisão consciente e voluntária de adotar a Lei Escoteira,

comprometendo-se a “fazer o melhor possível”; de usá-la como código de comportamento individual e social; e de assim assumir a responsabilidade por seu desenvolvimento pessoal. Realizar a Promessa Escoteira é o primeiro passo simbólico no processo de autoeducação.

A Lei Escoteira é um código de vida positivo através do qual o Escotismo propõe seus valores universais aos jovens, de maneira concreta e prática. Os valores contidos na Lei Escoteira e adotados através da Promessa Escoteira moldam os jovens em seu comportamento e em sua vida de grupo. Ao longo de sua jornada no Escotismo, o entendimento dos jovens sobre a Promessa e a Lei Escoteira irá evoluir e significar cada vez mais para eles. Essa jornada de aprendizado é uma parte determinante do desenvolvimento intelectual, emocional, social e espiritual vivenciado através do Escotismo e evidencia seus princípios fundamentais. (“Método Escoteiro”, Disponível em: escoteiros.org.br, 2020.)

As ordens discursivas, como o Escotismo, são sociedades de discurso, cuja a função é produzir e conservar os discursos, e fazer com que circulem em espaços fechados, que sejam distribuídas somente algumas regras restritas de maneira que nem todo mundo pode falar sobre qualquer coisa. Nesse sentido, ele entende que as sociedades discursivas fazem uma dupla sujeição, sujeitam o sujeito - nem todo mundo pode falar - e sujeitam os discursos - nem tudo pode ser falado.

FOUCAULT(1999) chama as ações das ordens de discurso de separar, excluir, seleccionar e interditar de “rituais da palavra”. E vai ligar isso a soberania do significante, ou discurso dominante, exatamente para evitar que o caráter arbitrário do discurso se evidencie.

Quando fala nos rituais da palavra, sociedades de discurso, grupos doutrinários, pedagogias, e apropriações sociais, para ele todos esses campos se ligam, criando o que ele chama de sistema de sujeição do discurso, que não são só os rituais da palavra e demais citados, é a combinação entre tudo isso que cria esses sistemas que tem como política discursiva o controle e a disciplina, pois tem medo do que pode haver de “violento, descontínuo, combativo, desordeiro, perigoso, nesse grande zumbido incessante e desordenado do discurso”.

Todo o verdadeiro Escoteiro toma um banho diário. Quando isso não é possível, deve esfregar diariamente por todo o corpo uma toalha grossa molhada.

O Escoteiro deve respirar pelo nariz e não pela boca. Dessa forma evita ficar com sede à toa, perder o fôlego com facilidade, inspirar todas as espécies de germes patogênicos que existem no ar, e ressonar à noite. (BADEN-POWELL, 2006)

Passo escoteiro, palma escoteira, aperto de mão escoteiro, Lei escoteira. São diversas maneiras de distinção no Escotismo usando rituais de repetição, imposição de modos de ser e de fazer, até mesmo instituindo modos de se respirar ou higienizar-se padronizados.

Quando FOUCAULT(1999) fala em “vontade de saber”, entendo que vai de encontro a vontade de verdade. Onde a vontade de verdade, como dito, remete a vontade da ordem discursiva de que o discurso colocado seja verdadeiro. Já a vontade de saber remete a vontade do indivíduo de questionamento, a vontade de saber se é verdade, pondo em risco revelar controvérsias do discurso institucional.

Como a ideia é pensar a luta pelo controle do discurso, e neste trabalho investigar o Escotismo enquanto ordem discursiva. FOUCAULT(1999) apresenta métodos de análise, onde a análise do discurso pode trabalhar a partir de 2 conjuntos. Um que ele chama de conjunto crítico, onde o princípio da inversão é fundamental para cercar quais são as formas de exclusão, de limitação, de apropriação do discurso, ritual da circunstância, autoridade e legitimidade do que se fala. E o que ele chama de conjunto genealógico, onde os outros 3 princípios, da descontinuidade, da especificidade e da exterioridade ajudam o analista, se questionando como se formam os discursos, quem são os sujeitos e como se dá esse processo. A Perspectiva histórica permite através da genealogia que complexifique e tire do “universal” a produção discursiva.

A sua genealogia tenta “historicizar” e pensar de forma não universalista a produção discursiva, ou seja, entende que a história nunca possui uma perspectiva única, buscando entender os processos, como se formaram essas séries discursivas, em que condições, como lutaram os sujeitos, e que transformações sofreram. Objetiva tentar mostrar o jogo de rarefação que é imposto como um poder fundamental de afirmação. E ele vai propor o método genealógico como método de investigação que se resume em questionar a vontade de verdade, reconstituir o discurso em seu caráter de acontecimentos e suspender a soberania do significante.

A partir disso, novamente afirmo que pensar o contexto histórico é essencial pra se pensar o Escotismo, suas funções e problemáticas. É preciso se questionar pra quem ele foi feito, por quem, em que momento da história e aos interesses de quem atende a narrativa presa ao discurso passado. É preciso se pensar as narrativas por outras perspectivas menos centralizadas. O sistema que gerou o Escotismo queria que os escoteiros não fossem resmungões, que não questionassem ordens e nem suas realidades, acreditava que se os

atingisse cedo o suficiente funcionaria. Queria que se acomodassem as suas realidades. Nunca foi sobre cultivar aspirações e sim convencer de se satisfazer com o que se tem.

O discurso, tanto a partir da instituição quanto da perspectiva individual de discursar, traz uma inquietação em comum que é exposta de formas opostas. As inquietações são a insegurança do que é o discurso ao ser pronunciado, a impossibilidade de controlar o tempo de repercussão do discurso aos que escutam, a falta de controle sobre os perigos e poderes que o discurso pode estar atribuído, a suposição de lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões através das palavras. É uma responsabilidade a ser assumida quando se é porta-voz do discurso.

O discurso pela sua fluidez, pela sua lógica aleatória, ele é violento, é descontínuo, combativo, um perigo para o desejo da verdade, para vontade da ordem, por isso o grande desejo de controlá-lo, entendendo que discurso e realidade estariam ou deveriam estar diretamente conectados.

3. Conclusão e considerações finais: O escotismo hoje e resistências ao Método

Considerando o Escotismo enquanto uma sociedade discursiva doutrinadora, uma instituição disciplinadora exclusiva e excludente, uma ferramenta decorrente do projeto etnocêntrico de dominação e imposição social, política, ideológica, cultural, até espiritual e/ou religiosa. Entendendo sua participação no processo histórico de colonização. Entendendo sua relação com governanças autoritárias e de que forma atende a seus interesses. E entendendo sua tentativa de contribuição direta na manutenção de sistemas sociais desiguais. Me questiono: É possível a existência de um Movimento Escoteiro hoje que seja socialmente saudável? Existe espaço na sociedade atual para um Movimento como o Escoteiro? Faz sentido pra quem? E a quem deveria fazer?

Sinto um peso controverso, quase hipócrita, no meu ato de escrever problematizações sobre sistemas institucionais estando dentro de um e justamente para obter a legitimidade discursiva da academia, o aval da universidade para poder falar e fazer sobre as disciplinas cursadas, e poder justificar e exercer com tranquilidade a profissão e papéis sociais que já eram meus com a validação esperada no meio. Talvez seja semelhante as controvérsias que vive Foucault quando discursa questionando as Ordens Discursivas.

A Universidade detém um conhecimento, detém também um discurso, e ao detê-los, invalida os demais conhecimentos e discursos que existem e são produzidos fora dela. Ainda

assim, teve papel crucial na contínua construção ~ ou desconstrução ~ da minha identidade, e na minha formação enquanto ser social, cultural e político, por exemplo. Entendo que a Universidade, sobretudo a pública no Brasil, possui função necessária no sistema vigente enquanto espaço de troca de conhecimentos e saberes na experiência múltipla e coletiva que pode proporcionar como espaço de pensamento. Pensamento em si, no outro e no todo. Mas afirmo que como qualquer instituição ainda tem muito o que se repensar. As Universidades ainda não são pensadas de forma plenamente inclusiva, pelo contrário, a muito vem sendo pensada pra atender públicos específicos. E adentrar estes espaços pertencendo a grupos não hegemônicos se torna um ato de “penetração” ou “infiltração” onde existe um choque entre pressão e resistência. A pressão de dentro para que saia, reafirmando sempre que seu lugar não é ali. E a resistência de ficar, ocupar e repensar o espaço produzindo novas narrativas.

Não vejo outra alternativa às minorias sociais se não a resistência e a ocupação. A resistência a pressão do sistema e do estado que insiste em nos excluir e expulsar da ocupação de espaços que igualmente nos pertencem. Só através da ocupação dos espaços hegemônicos ou segregados por corpos não-hegemônicos poderemos disputar pela narrativa sustentada no discurso, repensar e ressignificar os sistemas e políticas, democratizar o acesso aos espaços de discussão e garantir de dentro que mais vozes sejam ouvidas e narrando suas próprias histórias. Como disse WILLIAM(2019), “Na mesma medida em que crescem os debates sobre apropriação cultural, aumenta a demanda por representatividade. Grupos estigmatizados, sistematicamente excluídos, vêm reivindicando participação em várias instâncias da vida social.”

Essa é uma luta nossa, mas não devia ser só nossa. A Glória Anzaldúa(1987), uma das grandes pensadoras latino-americanas que me influenciam nessa pesquisa, vai dizer em “*Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*” o que eu entendo como um “esporro” a branquitude reivindicando o lugar dos(as) Chicanos(as):

Precisamos dizer à sociedade branca: precisamos que vocês aceitem o fato de que os/as chicanos/as são diferentes, que reconheçam a forma como nos negam e rejeitam. Precisamos que vocês admitam o fato de que nos viam como seres inferiores, que nos roubaram nossas terras, nossa humanidade, nosso amor-próprio. Precisamos que vocês nos compensem publicamente: que digam que, para compensar seus próprios defeitos, vocês lutam para terem poder sobre nós, vocês apagam nossa história e nossa experiência, porque lhes fazem sentir culpados preferem esquecer seus atos de brutalidade. Que digam que se separam das minorias, que nos desconhecem, que suas consciências duplas

separam partes de vocês, transferindo o lado 'negativo' para nós. (Onde há perseguição das minorias, há projeção de sombras. Onde há violência e guerra, há repressão da sombra.) Que digam que têm medo de nós, que, para se distanciarem de nós, usam máscaras de desprezo. Que admitam que o México é o seu outro, que ele existe na sombra desse país, que somos irrevogavelmente ligados a ele. Gringos, aceitem o duplo das suas psiques. Ao aceitarem de volta suas sombras coletivas, a divisão intracultural será cicatrizada. E finalmente, digam-nos o que precisam de nós. (ANZALDUA, 1987.)

A realidade que ela descreve é muito próxima a realidade do Brasil por ambas serem realidades latino-americanas pós-coloniais. E entendo que ali ela reivindica uma conscientização da sociedade branca, ou cultura dominante e cobra o reconhecimento de seu papel na opressão contra os corpos que vem historicamente sofrendo essa separação.

ANZALDUA(1987) em seu livro pensa que diante do choque ou interação entre culturas, independente da natureza da interação, o resultado inevitável nesse processo irreversível será o nascimento de uma nova, que ela vai chamar de híbrida ou mestiça. Tal qual o processo de aculturação, já definido. Reforço a ideia de que não existe uma cultura pura, e entendendo isso no contexto globalizado, ela vai refletir sobre a realidade das disputas internas e externas e apresenta propostas alternativas a este ciclo.

Dentro de nós e dentro de *la cultura chicana*, crenças arraigadas da cultura branca atacam crenças arraigadas da cultura mexicana, e ambas atacam crenças arraigadas da cultura indígena. De forma subconsciente, vemos um ataque contra nós e nossas crenças como uma ameaça e tentamos bloqueá-lo com um posicionamento contrário.

Contudo, não é suficiente se posicionar na margem oposta do rio, gritando perguntas, desafiando convenções patriarcais, brancas. Um ponto de vista contrário nos prende em um duelo entre opressor e oprimido; fechados/as em um combate mortal, como polícia e bandido, ambos são reduzidos a um denominador comum de violência. O "contraposicionamento" refuta os pontos de vista e as crenças da cultura dominante e, por isso, é orgulhosamente desafiador. Toda reação é limitada por, e subordinada à, aquilo contra o qual se está reagindo. Porque o "contraposicionamento" brota de um problema com autoridade tanto externa como interna representa um passo em direção à liberação da dominação cultural. Entretanto, não é um meio de vida. A uma determinada altura, no nosso caminho rumo a uma nova consciência, teremos que deixar a margem oposta, com o corte entre os dois combatentes mortais cicatrizado de alguma forma, a fim de que estejamos nas duas margens ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo, enxergar tudo com olhos de serpente e de águia. Ou talvez decidamos nos desvencilhar da cultura dominante, apagá-la por completo, como uma causa perdida, e cruzar a fronteira em direção a um território novo e separado. Ou podemos trilhar uma outra rota. As

possibilidades são inúmeras, uma vez tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir. (ANZALDUA, 1987.)

Esse trecho possui uma importância e carga reflexiva muito grande. Ela entende que cedo ou tarde no cenário de disputa teremos de atravessar a fronteira ou existir nela, quebrar a construção de oposição antagônica na busca por uma nova consciência, e me identifico com essa ideia. Apesar de criticar a contraposição ela se mantém aberta, onde talvez não seja ideal a sua ação proposta, mas vai entender que uma ação se faz necessária pra além da reação.

Pensando a instituição escoteira nesse contexto, onde já entendemos seu caráter arbitrário original, hoje, ela atinge milhões de pessoas no mundo, milhares no Brasil e centenas de milhares na América Latina. Esse processo já dura 113 anos, desde sua fundação, e em decorrência dessa globalização do Escotismo no passar de gerações houveram certamente resistências ao Método que não são apresentadas em sua narrativa oficial, mas hoje podemos observar alguns impactos e mudanças institucionais resultantes de resistências internas aos limites engessados. ANZALDUA(1987) diz sobre os conflitos da ambivalência que se encontra o ser fronteiro:

Essas inúmeras possibilidades deixam *la mestiza* à deriva em mares desconhecidos. Ao perceber informações e pontos de vista conflitantes, ela passa por uma submersão de suas fronteiras psicológicas. Descobre que não pode manter conceitos ou idéias dentro de limites rígidos. As fronteiras e os muros que devem manter idéias indesejáveis do lado de fora são hábitos e padrões de comportamento arraigados; esses hábitos e padrões são os inimigos internos. Rigidez significa morte. Apenas mantendo-se flexível é que ela consegue estender a psique horizontal e verticalmente. *La mestiza* tem que se mover constantemente para fora das formações cristalizadas do hábito; para fora do pensamento convergente, do raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um objetivo único (um modo ocidental), para um pensamento divergente, caracterizado por um movimento que se afasta de padrões e objetivos estabelecidos, rumo a uma perspectiva mais ampla, que inclui em vez de excluir.

A nova *mestiza* enfrenta tudo isso desenvolvendo uma tolerância às contradições, uma tolerância às ambigüidades. Aprende a ser uma índia na cultura mexicana, a ser mexicana de um ponto de vista anglo-americano. Aprende a equilibrar as culturas. Tem uma personalidade plural, opera em um modo pluralístico nada é posto de lado, o bom, o ruim e o feio, nada é rejeitado,

nada abandonado. Não apenas sustenta contradições como também transforma a ambivalência em uma outra coisa. (ANZALDUA, 1987.)

O ser fronteiro ao qual ela se refere, comparo aos escoteiros e escoteiras de hoje, os jovens e adultos do mundo impactados pelo Escotismo com seus olhares do presente. São a eles que recaem a responsabilidade de buscar esse equilíbrio. E são eles que, como eu, estão aí ao longo dos anos começando a se questionar sobre certas narrativas.

Somente em 2014 a OMME vai definir em seu plano periódico a diversidade e inclusão como prioridades. Como resultado em 2015 vai haver o Simpósio Interamericano Inclusão e Diversidade no Movimento Escoteiro, sendo a primeira ocasião que a Região Escoteira Interamericana organiza um evento destinado a analisar estes temas gerando uma Política Interamericana de Diversidade e Inclusão. Revisada em 2016, ainda aborda os assuntos de maneira questionável e presa as doutrinas conservadoras da Lei e Promessa Escoteiras, mas já demonstra o surgimento de uma força contrária que apela à reflexão.

Em 2019, 26ª Reunião Ordinária da Assembleia Nacional da União dos Escoteiros do Brasil decide pela alteração do primeiro artigo da Lei Escoteira: “ O Escoteiro tem uma só palavra e sua honra vale mais que sua própria vida” o qual passou a ter a seguinte redação: “O Escoteiro é honrado e digno de confiança”. Isso após uma discussão que se arrastou por anos no Brasil até alcançar o debate em Assembleia, mas prova a possibilidade de mudança e abre precedentes para tal, um passo pequeno muito importante.

Já a alguns anos, não consegui localizar a data precisa, o Escotismo se vincula aos ODS – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, desde quando eram ODM – Objetivos do Desenvolvimento do Milênio. Hoje, no Brasil, se respalda o Método Escoteiro nos ODS, conectando diversos itens de progressão e pensando programações voltadas aos objetivos, legitimando assim o Método Escoteiro pela ONU. E novamente, ainda que contraditórias as relações com os objetivos fundamentais do Escotismo, demonstra a ação de uma força de ajuste se formando, um esforço contrário aos paradigmas.

A quebra de paradigmas, segundo ANZALDUA(1987), depende da combinação de duas ou mais culturas. Essa combinação vai gerar uma mudança na autopercepção e na percepção da realidade criando uma nova consciência.

O trabalho da consciência *mestiza* é o de desmontar a dualidade sujeitoobjeto que a mantém prisioneira, e o de mostrar na carne e através de imagens no seu trabalho como a dualidade pode ser transcendida. A resposta para o problema entre a raça branca e a de cor, entre homens e mulheres, reside na cicatrização da divisão que se origina nos próprios fundamentos de nossas vidas, nossa cultura, nossas línguas, nossos pensamentos. Extirpar de forma massiva qualquer pensamento dualista no indivíduo e na consciência coletiva representa o início de uma longa luta, que poderá, com a melhor das esperanças, trazer o fim do estupro, da violência, da guerra.

Pero es difícil diferenciar entre lo heredado, lo adquirido, lo impuesto. Ela põe a história em uma peneira, separa as mentiras, observa as forças das quais nós enquanto raça, enquanto mulheres, temos sido parte. *Luego bota lo que no vale, los desmientos, los desencuentos, el embrutecimiento. Aguarda el juicio, hondo y enraizado, de la gente antigua.* Esse passo representa uma ruptura consciente com todas as tradições opressivas de todas as culturas e religiões. Ela comunica essa ruptura, documenta a luta. Reinterpreta a história e, usando novos símbolos, dá forma a novos mitos. Adota novas perspectivas sobre as mulheres de pele escura, mulheres e *queers*. Fortalece sua tolerância (e intolerância) à ambigüidade. Ela está disposta a compartilhar, a se tornar vulnerável às formas estrangeiras de ver e de pensar. Abre mão de todas as noções de segurança, do familiar. Desconstrói, constrói. Torna-se uma *nahual*, capaz de se transformar em uma árvore, em um coioote, em uma outra pessoa. Aprende a transformar o pequeno "eu" no "eu" total. *Se hace moldeadora de su alma. Según la concepción que tiene de si misma, así será.* (ANZALDUA, 1987.)

Essa *Consciência Mestiça*, da qual ela fala, entendo é o processo de reconstrução identitária do ser fronteiriço. Daquele que do choque entre culturas resultam de seu meio, esvaziados de conexões ancestrais, em busca de um reencontro consigo. Que por tanto, será híbrido, múltiplo e diverso.

Acho importante acrescentar também a essa reflexão alguns acontecimentos bem recentes. Para isso, trago algumas contextualizações. Esse trabalho é escrito em meio a Pandemia do Covid-19, em 2020. Donald Trump presidente dos EUA, Jair Bolsonaro do Brasil e a polícia segue a serviço do estado sendo escancaradamente violenta com as populações marginalizadas. Os primeiros meses da Pandemia foram marcados pelas mobilizações e manifestações antirracistas em todo mundo após o brutal assassinato do George Floyd.

Tudo começou com um relato sobre uma nota falsa de US\$ 20 em um supermercado. E culminou na morte de George Floyd, um homem afro-americano de 46 anos, que havia acabado de ser preso pela polícia em Minneapolis, Minnesota, nos Estados Unidos. Um vídeo mostrando a prisão de Floyd viralizou após o episódio. Nele aparece um policial branco, Derek Chauvin, com o joelho sobre o pescoço de Floyd, enquanto ele está algemado e de bruços no chão. Chauvin, de 44 anos, foi preso e é acusado de homicídio. A morte de Floyd provocou uma onda de protestos em todo o país. Os eventos que levaram à sua morte ocorreram em uma sequência de 30 minutos. (“George Floyd: o que aconteceu antes da prisão e como foram seus últimos 30 minutos de vida”. Redação: BBC News Mundo, 2020)

Essa como tantas outras histórias que se repetem diariamente ainda me embrulha o estômago. Mas o assassinato de George Floyd em meio a esse ano caótico foi o estopim pra uma grande revolta e mobilização mundial do Movimento Negro e Antirracista, com destaque do movimento internacional “Black Lives Matter” (Vidas Negras Importam), que surgiu em 2013 e reascendeu após a popularização do caso. O vídeo que registra seu assassinato viralizou no mesmo dia e seu nome permaneceu no topo dos assuntos na mídia por semanas.

Durante a onda de revoltas por justiça, com o tema do Movimento Negro em alta, também violência policial, racismo e consequências da escravização do povo preto, foram divulgadas listas de estátuas de personagens históricos associados à escravidão, ao colonialismo e ao racismo como alvos. Várias chegaram a ser violadas, decapitadas ou derrubadas como de Cristóvão Colombo e Padre Antônio Vieira. Nessas listas constava também o nome de Baden-Powell.

A estátua de BP na cidade de Poole, Dorset, Reino Unido, foi defendida com “unhas e dentes” por tradicionalistas. A instituição a removeu temporariamente para proteger sua integridade, e antes disso os escoteiros e escotistas locais se organizaram em vigílias para defende-la, se indignando com a possibilidade de sua depredação e mostrando o quanto ainda é forte a “glorificação” da figura de BP entre escoteiros. Alguns, inclusive, reivindicam a ele um prêmio Nobel da Paz pela invenção do ME.

Diante desses acontecimentos, com as ameaças à estátua e o assunto em pauta correndo também entre os jovens escoteiros. Rapidamente a OMME achou de bom tom publicar uma nota se posicionando em favor do movimento “Black Lives Matter” e contraditoriamente em defesa do Escotismo, de Baden-Powell e seus feitos, naturalizando-os ao dizer no trecho:

Como fundador do Movimento Escoteiro Mundial, Baden-Powell, nascido em 1857, inspirou a criação de um movimento que cresce há mais de 113 anos. Baden-Powell viveu em uma era diferente e dentro de realidades muito distintas das atuais. Hoje, o Movimento Escoteiro e Bandeirante, que ele fundou, atendem mais de 64 milhões de criança e jovens, meninos e meninas, em 224 países e territórios, promovendo tolerância, solidariedade e incentivando o diálogo pela paz. O Movimento Escoteiro é o maior movimento jovem e de educação não-formal do mundo. No Brasil, somos mais de 115 mil crianças, jovens e adultos.

O escotismo oferece um ambiente inclusivo para reunir jovens de todas as etnias, culturas e origens sociais, e cria oportunidades de aprendizado sobre como promover a paz, a justiça e a igualdade. Os Escoteiros do Brasil promovem a diversidade e inclusão, pilares fundamentados na Promessa e Lei Escoteira, enquanto denuncia todas as formas de racismo, discriminação, desigualdade e injustiça. (*Nota Oficial sobre a Estátua de Baden-Powell em Poole*. 14/06/2020)

Não me surpreendem as reações conflitantes dentro do ME diante os acontecidos, mas me desgasta pensar que em 2020 algo como esse Movimento que afeta milhões de pessoas ainda se apegue a normatizações tão antiquadas, noções distorcidas da história e incoerentes com a realidade inerente ao hibridismo que vivemos.

Da mesma forma que penso a ocupação da Universidade, penso no do Movimento Escoteiro. Concluo que se existe ou é possível um Escotismo realmente bom, que faça sentido na diversidade da globalização, ~ e não sei se acredito que seja ~ proponho que deva ser um Escotismo desconstruído, repensado, ressignificado e reconstruído pautado no feminismo, antirracismo e na *Consciência Mestiza*. Deve se questionar e desconectar-se por completo da carga de valores inseridas em sua origem junto com seus patronos, sem deixar que se percam, pois é o entendimento desse passado que vai justificar os processos que decorrem no presente; reavaliar sua função no meio social; Refletir sobre a que interesses atende e a quem deve atender; Reconstituir as origens de suas tradições inventadas e apropriadas; Democratizar o acesso aos conhecimentos e modos de fazer adaptados as funcionalidades e demandas contemporâneas. Não vai poder ser regido pelo sistema institucional, que exclui sujeitos. E sim reformatado em moldes que sejam de fato essencialmente inclusivos e que devem ser pensados por outros corpos, diferentes dos que já vem historicamente pensando toda sociedade, mas não

em contraposição, e sim num pensar coletivo, que como na *Consciência mestiza* de ANZALDUA(1987), “põe a história em uma peneira, separa as mentiras, observa as forças das quais nós enquanto raça, enquanto mulheres, temos sido parte.”

A luta é interior: chicano, *índio*, ameríndio, *mojado*, *mexicano*, imigrante latino, os anglos no poder, classe trabalhadora angla, negros, asiáticos nossas psiques parecem-se com as cidades fronteiriças e são povoadas pelas mesmas pessoas. A luta sempre foi interior, e se dá em terrenos exteriores. Devemos adquirir consciência da nossa situação antes de podermos efetuar mudanças internas, que, por sua vez, devem preceder as mudanças na sociedade. Nada acontece no mundo "real" a menos que aconteça primeiro nas imagens em nossas mentes. (ANZALDUA, 1987.)

Diante do estudo construído neste trabalho, entendo que meu papel enquanto homem negro, miscigenado, mestiço, latino-americano, bissexual, corpo não-hegemônico, inserido nas doutrinas escoteiras dos 8 aos 19 anos, e neste caso, principalmente hoje enquanto produtor cultural, é mediar as culturas, as pessoas e a relação entre as culturas das pessoas e seus processos de reconhecimento das pluralidades, fomentar e ser agente na luta pela valorização das diversas culturas e manifestações culturais igualmente, pensando e pondo em prática políticas culturais como a de *democracia cultural*. Nesse sentido, o produtor cultural pode também ser visto como um ser fronteiriço, ao menos em sua função. É um ser que trabalha no entrelugar, que vive do intermédio.

O conceito de *democracia cultural* é analisado pela Mestre pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia, Alice Pires de Lacerda, onde, ao refletir sobre o uso histórico e invenção do termo, entende a *democracia cultural* como política cultural de valorização da diversidade de manifestações culturais igualmente como cultura de mesmo valor, no intuito de diminuir a desigualdade de valor social estagnada na disputa entre cultura dominante X culturas subalternas.

Por fim, faço questão de encerrar refletindo com Conceição Evaristo, grande intelectual brasileira que me acompanha a poucos e valorosos anos enquanto autora favorita, e inventora

do conceito de Escrevivência, enquanto prática de sujeito-corpo-autor, onde o sujeito escreve a partir do que ele vê, do qual sou influenciado e apaixonado.

EVARISTO vai pensar a literatura negra na construção de suas obras como forma de quilombo, entendendo quilombo enquanto conceito-metáfora, espaço de insurgência, e uma “re-semantização” da questão do quilombo para concepção metafórica de espaço de resistência.

A partir do momento que o sujeito negro sente necessidade de ocupar o lugar não mais de objeto da literatura em que sujeitos brancos fazem por ele e começa a querer ser corpo e voz dessa literatura, aí você tem o surgimento da literatura negra, segundo EVARISTO. Uma literatura de resistência, que tenta não só partir de vozes negras, mas operar também numa transição de formatos, de linguagens e temas que tenham a ver com essa resistência negra.

Na tentativa de linguagem libertadora operando dentro da linguagem dominante, este trabalho, tal como a escrita de Conceição Evaristo, busca se “aquilombar” e vem com a proposta também de reivindicar narrativas pretas silenciadas historicamente, se tornando um novo espaço de resistência.

É tempo de caminhar em fingido silêncio, e buscar o momento certo do grito, aparentar fechar um olho evitando o cisco e abrir escancaradamente o outro. É tempo de fazer os ouvidos moucos para os vazios lero-leros, e cuidar dos passos assuntando as vias ir se vigiando atento, que o buraco é fundo. É tempo de ninguém se soltar de ninguém, mas olhar fundo na palma aberta a alma de quem lhe oferece o gesto. O laçar de mãos não pode ser algema e sim acertada tática, necessário esquema. É tempo de formar novos quilombos, em qualquer lugar que estejamos, e que venham os dias futuros, salve 2020, a mística quilombola persiste afirmando: “a liberdade é uma luta constante”. (EVARISTO, 2019.)

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

4.1 BIBLIOGRAFIA TEÓRICA:

- ANZALDUA, Glória. *La conciencia de la mestiza / rumo a uma nova consciência*. Capítulo do livro *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, publicado originalmente por Aunt Lute Books (San Francisco, California, 1987). Tradução de Ana Cecília Acioli Lima. Rev. Estud. Fem. vol.13 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2005
- ANZALDUA, Glória. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco, California, 1987: Aunt Lute Books
- JOSUÉ, Felipe de Souza. *Nas trilhas das memórias: práticas do escotismo na cidade de Baixo - CE (1980-1985)*. Cajazeiras, 2019.
- LACOMBE, Américo Jacobino. *Brasil 1900 – 1910*. Rio de Janeiro, 1980: Biblioteca Nacional.
- RESENDE, André Lara. *O Brasil de hoje e o Conservadorismo Vitoriano*. Valor Econômico, 2019.
- BEZERRA, Juliana. *Era Vitoriana*. Toda Matéria: conteúdos escolares, 2019.
- IKUTA, Lidia. *Educação Musical no Movimento Escoteiro*. São Paulo, 2014.
- JARDIM, Suzane. *Má que diabos é Apropriação Cultural?* Medium, 2017.
- RICHARDS, Dai. *Robert Baden-Powell documentary*, “Secret Lives” series by channel4, 1995. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EwT4ISGNotY>
- HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terance. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Traduzido por Laura Fraga. 5ª.ed. São Paulo, 1999: EDIÇÕES LOYOLA.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- WILLIAM, Rodney. *Apropriação cultural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico* — 14.ed. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- LACERDA, Alice Pires. *Democratização da Cultura X Democracia Cultural: os Pontos de*

Cultura enquanto política cultural de formação de público. Coluna Políticas Culturais: Teorias e Práxis. S/data.

- Site oficial do evento *AFRICA'S TRAVEL INDABA* da South African Tourism. Disponível em: indaba-southafrica.co.za / Acesso: 08/2020

- Dicionário online *Educalingo*. Disponível em: educalingo.com / Acesso: 08/2020

- “George Floyd: o que aconteceu antes da prisão e como foram seus últimos 30 minutos de vida”. Redação: BBC News Mundo, 2020. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/internacional / Acesso: 08/2020.

- EVARISTO, Conceição. Tempo de nos aquilombar. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 dez. 2019.

4.2 Bibliografia Escoteira:

BADEN-POWELL, Robert. *Escotismo para rapazes*. Reedição UEB, 2006.

<http://www.escoteiros.org.br/historia/>

<http://www.escoteirosrj.org.br/o-fundador-do-movimento-baden-powel/>

<http://site.bandeirantes.org.br/index.php/historico/>

<http://www.escoteirosrj.org.br/quais-sao-as-modalidades-escoteiras/>

<https://www.escoteiros.org.br/noticias/nota-de-esclarecimento-alteracao-do-1-artigo-da-lei-escoteira/>

https://www.escoteiros.org.br/literaturas/Gerais/Escotismo_para_rapazes.pdf

POR. ver UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. Princípios, organização e regra

Escritório Nacional da UEB. “Os primeiros meses de uma nova tropa escoteira”, s/ data. Disponível em escoteiros.org.br

BOULANGER, Antonio. *Chapelão – Histórias da Vida de Baden-Powell*. 2011

Equipe Nacional de gestão de adultos da Diretoria de Métodos Educativos da UEB. MÓDULO TÉCNICO DE MÍSTICA E TRADIÇÕES. 2016

Escritório Nacional da UEB. “*Marco referencial da Insígnia da Madeira*”, S/ data.

Nota Oficial sobre a Estátua de Baden-Powell em Poole. 14/06/2020

<https://www.escoteirossp.org.br/modalidade-do-ar/>